

EXPERIÊNCIAS GUIADAS

SILO

PRIMEIRA PARTE: NARRAÇÕES

I. A CRIANÇA

Vou caminhando pelo campo. É manhã, muito cedo. À medida que avanço, sinto-me seguro e alegre.

Consigo ver uma construção de aspecto antigo. Parece feita de pedra. Também o telhado, com duas vertentes, parece feito de pedra. Grandes colunas de mármore destacam-se na frente. Chego ao edifício e vejo uma porta de metal, ao que parece, muito pesada. Das laterais, inesperadamente, saem dois animais ferozes que avançam sobre mim. Felizmente, são retidos por correntes esticadas a uma pequena distância de mim. Não tenho como chegar à porta sem que os animais me ataquem. Então, arremesso-lhes um embrulho que contém comida. As feras o engolem e adormecem.

Aproximo-me da porta. Examino-a. Não vejo ferrolho nem outro elemento que possa utilizar para abri-la. No entanto, empurro suavemente e a porta se abre com um som metálico de séculos.

Um ambiente muito amplo e suavemente iluminado aparece. Não consigo ver o fundo. À esquerda e à direita, há quadros que chegam a tocar o chão. São da altura de uma pessoa. Cada um representa uma cena diferente. No primeiro, à minha esquerda, figura um homem sentado atrás de uma mesa, sobre a qual há baralhos, dados e outros elementos de jogo. Fico observando o estranho chapéu que cobre a cabeça do jogador. Então, acaricio a pintura na parte do chapéu, mas não sinto resistência ao tato; meu braço entra no quadro. Introduzo uma das pernas e, em seguida, todo meu corpo no interior do quadro. O jogador ergue a mão e exclama: "Um momento, não pode passar sem pagar a entrada!" Procuro entre minhas roupas e retiro uma esferinha de cristal que lhe dou. O jogador faz um gesto afirmativo e passo a seu lado.

Estou em um parque de diversões. É noite. Vejo por todos os lados brinquedos mecânicos cheios de luz e movimento... Mas, não há ninguém. No entanto, descubro próxima de mim uma criança de uns dez anos. Está de costas. Aproximo-me e, quando gira para me olhar, descubro ser eu mesmo quando criança. (*)

Pergunto-lhe o que faz ali e ela me conta algo sobre uma injustiça que lhe fizeram. Começa a chorar e eu a consolo, prometendo levá-la aos brinquedos. Ela insiste na injustiça. Então, para entendê-la, começo a recordar qual foi a injustiça que sofri nessa idade. (*)

Agora lembro e, por algum motivo, compreendo que é parecida com a injustiça que sofro na vida atual. Fico pensando, mas a criança continua com seu choro. (*)

Então digo: "Bom, vou reparar essa injustiça que, ao que parece, fazem comigo. Para isso, começarei a ser amigável com as pessoas que me criam essa situação." (*)

Vejo que a criança ri. Acaricio-a e digo que voltaremos a nos ver. Ela se despede e vai embora muito contente. Saio do parque, passando ao lado do jogador, que me olha de soslaio. Nesse momento, toco seu chapéu e o personagem pisca um olho fazendo gracejo. Emerjo do quadro e me encontro no ambiente amplo novamente. Então, caminhando a passos lentos, saio pela porta. Do lado de fora, os animais dormem. Passo entre eles sem sobressalto.

O dia esplêndido me acolhe. Regresso pelo campo aberto, com a sensação de ter compreendido uma situação estranha, cujas raízes se escondem em um tempo distante. (*)

II. O INIMIGO

Estou no centro da cidade, no momento de maior atividade comercial. Veículos e pessoas se deslocam apressadamente. Eu também me movo apressado.

De repente, tudo fica paralisado. Só eu tenho movimento. Então, examino as pessoas. Fico observando uma mulher e, depois, um homem. Dou voltas ao redor deles. Examino-os bem de perto. Depois, subo ao teto de um automóvel e de lá olho ao redor, comprovando, também, que tudo está em silêncio. Reflito por um instante e comprovo que as pessoas, veículos e todo tipo de objetos estão à minha inteira disposição. Imediatamente, começo a fazer tudo o que quero, de tal maneira e tão freneticamente que, depois de algum tempo, fico esgotado. Enquanto descanso, imagino novas atividades. Então, volto a fazer tudo que desejo, sem nenhum preconceito.

Mas, quem que vejo ali?! Ninguém menos que essa pessoa com quem tenho várias contas a acertar. De fato, creio que é a pessoa que mais me prejudicou em toda a minha vida... Como as coisas não podem ficar assim, imediatamente toco meu inimigo e vejo que recobra alguns de seus movimentos. Olha-me com horror e entende a situação, mas está paralisado e indefeso. Em seguida, começo a lhe dizer tudo o que quero, prometendo-lhe minha revanche imediata. Sei que sente tudo, mas não pode responder, então começo a lembrar-lhe as situações em que me afetou tão negativamente. (*)

Enquanto me ocupo de meu inimigo, várias pessoas aparecem caminhando. Param diante de nós e começam a repreender o sujeito. Este começa a responder, aos prantos, que está arrependido do que fez. Pede perdão e se ajoelha, enquanto os recém-chegados continuam a interrogá-lo. (*)

Depois de algum tempo, proclamam que uma pessoa tão infame não pode continuar vivendo e que, sendo assim, condenam-no à morte. Estão prestes a linchá-lo, enquanto a vítima pede clemência. Então, eu o perdôo. Todos acatam minha decisão. A seguir, o grupo vai embora, conformado. Ficamos a sós novamente. Aproveito a situação para completar minha vingança, diante de seu desespero crescente. Então, termino de dizer e fazer tudo o que me parece adequado. (*)

O céu escurece violentamente e começa a chover forte. Enquanto procuro refúgio atrás de uma vitrine, noto que a cidade retorna a sua vida normal. Os pedestres correm, os veículos deslocam-se com cuidado entre cortinas de água e fortes rajadas de vento. Relâmpagos contínuos e fortes trovões emolduram a cena, enquanto continuo olhando através da vidraça. Sinto-me totalmente relaxado, como se estivesse vazio por dentro, enquanto observo quase sem pensar.

Nesse momento, aparece meu inimigo, procurando proteger-se da tormenta. Aproxima-se e me diz: "Que sorte estarmos juntos nessa situação!" Observa-me timidamente. Reconforto-o com um leve tapinha, enquanto ele encolhe os ombros. (*)

Começo a revisar, no meu interior, os problemas do outro. Vejo suas dificuldades, os fracassos de sua vida, suas enormes frustrações, sua debilidade. (*)

Sinto a solidão desse ser humano que se abriga ao meu lado, encharcado e trêmulo. Vejo-o sujo, em um patético abandono. (*)

Então, em um impulso de solidariedade, digo-lhe que vou ajudá-lo. Ele não diz nada. Baixa a cabeça e olha para as próprias mãos. Percebo que seus olhos ficam marejados. (*)

Cessou a chuva. Saio à rua, aspiro profundamente o ar limpo. Imediatamente, afasto-me do lugar.

III. O GRANDE ERRO

Estou de pé frente a uma espécie de tribunal. A sala, repleta de pessoas, permanece em silêncio. Por toda parte vejo rostos severos. Interrompendo a tremenda tensão acumulada na plateia, o Secretário (ajustando seus óculos) pega um papel e anuncia solenemente: "Este tribunal condena o acusado à pena de morte." Imediatamente, produz-se uma gritaria. Alguns aplaudem, outros vaiaam. Consigo ver uma mulher que cai desmaiada. Logo depois, um funcionário consegue impor silêncio.

O Secretário crava em mim seu olhar turvo, ao mesmo tempo em que pergunta: "Tem algo a dizer?" Respondo que sim. Então, todo mundo volta a seus assentos. Logo em seguida, peço um copo d'água e, após certa agitação na sala, alguém o traz. Levo-o à boca e tomo um gole. Completo a ação com um longo e sonoro gargarejo. Depois digo: "Pronto!" Alguém do tribunal me interroga asperamente: "Como pronto?!" Respondo que sim, pronto. Em todo caso, para conformá-lo, digo-lhe que a água do lugar é muito boa, quem diria, e duas ou três gentilezas do gênero...

O Secretário termina de ler o papel com estas palavras: "... Por conseguinte, a sentença será cumprida hoje mesmo, deixando-o no deserto sem alimentos e sem água. Sobretudo, sem água. Tenho dito!" Eu pergunto com força: "Como... tenho dito?!" O Secretário, levantando as sobancelhas, afirma: "O que tenho dito, tenho dito!"

Em pouco tempo, encontro-me no meio do deserto, viajando em um veículo escoltado por dois bombeiros. Paramos em um ponto e um deles me diz: "Desça!" Então, desço. O veículo dá meia-volta e regressa por onde veio. Vejo-o tornar-se cada vez menor, à medida que se afasta entre as dunas.

O sol está declinando, mas é intenso. Começo a sentir muita sede. Tiro minha camisa, colocando-a sobre a cabeça. Investigo os arredores. Descubro próxima de mim uma depressão ao lado de umas dunas. Vou até elas e acabo me sentando no estreito espaço de sombra projetada pela ladeira. O ar agita-se vivamente, levantando uma nuvem de areia que escurece o sol. Saio da depressão, temendo ser sepultado, caso o fenômeno se acentue. As partículas arenosas batem em meu tronco descoberto como rajadas de vidro. Em pouco tempo, a força do vento me derruba.

Cessou a tormenta, o sol se pôs. No crepúsculo, vejo à minha frente uma semi-esfera embranquecida, grande como um edifício de vários andares. Penso que se trata de uma miragem. No entanto, levanto-me, dirigindo-me para ela. A uma curta distância, noto que a estrutura é de um material suave como plástico brilhante, talvez inflada por ar comprimido.

Sou recebido por um sujeito vestido com trajes beduínos. Entramos por um túnel acarpetado. Abre-se uma porta e, então, sinto um ar refrescante. Estamos no interior da estrutura. Observo que tudo está invertido. Diria que o teto é um piso plano de onde pendem diversos objetos: mesas redondas com os pés para cima; água que, caindo em jorros, desenha curvas e volta a subir e formas humanas sentadas no alto. Ao perceber minha estranheza, o beduíno me entrega uns óculos e diz: "Ponha-os." Obedeço e tudo retorna à normalidade. À frente, vejo uma grande fonte que expele jatos d'água verticais. Há mesas e diversos objetos belissimamente combinados em cor e forma.

Aproxima-se de mim, engatinhando, o Secretário. Diz que está terrivelmente tonto. Explico-lhe que está percebendo a realidade ao inverso e que, portanto, deve tirar os óculos. Ao tirá-los, ele se põe de pé, suspirando, enquanto diz: "Realmente, agora tudo está bem, só que sou míope." Em seguida, acrescenta que andava à minha procura para explicar que eu não sou a pessoa a quem devia julgar, que foi uma lamentável confusão. Imediatamente, sai por uma porta lateral.

Caminhando alguns passos, encontro um grupo de pessoas sentadas sobre grandes almofadas em círculo. São anciãos de ambos os sexos, com características raciais e vestimentas diferentes. Todos com belos rostos. Cada vez que um deles abre a boca, brotam sons parecidos a engrenagens distantes, máquinas gigantes, relógios imensos. Mas escuto, também, a intermitência dos trovões, o estalar de rochas, o desprendimento de blocos de gelo, o rugido

rítmico dos vulcões, o leve impacto da chuva gentil, o surdo bater de corações, o motor, o músculo, a vida... mas tudo isso harmonioso e perfeito, como em uma orquestra magistral.

O beduíno me dá fones de ouvido, dizendo: "Coloque-os. São tradutores." Coloco-os e escuto claramente uma voz humana. Compreendo que é a mesma sinfonia de um dos anciãos, traduzida para meus torpes ouvidos. Agora, quando abre a boca, escuto: "Somos as horas, os minutos, os segundos... somos as diferentes formas do tempo. Como houve um erro contigo, nós te daremos a oportunidade de recomeçares tua vida. De onde queres começar de novo? Talvez do nascimento... Talvez um instante anterior ao primeiro fracasso... Reflita." (*)

Tento encontrar o momento em que perdi o controle de minha vida. Explico-o ao ancião. (*)

"Muito bem" – diz ele – "e como pretendes fazer, se voltas a esse momento, para tomar um rumo diferente? Considera que não recordarás o que vem depois. Há outra alternativa" – acrescenta – "podes retornar ao momento do maior erro de tua vida e, sem mudar os acontecimentos, mudar, no entanto, seus significados. Desse modo, poderás construir uma vida nova."

No momento em que o ancião silencia, vejo que tudo ao meu redor se inverte em luzes e cores, como se se transformasse no negativo de um filme... até que tudo volta à normalidade. Mas me encontro no momento do grande erro de minha vida. (*)

Ali estou, impelido a cometer o erro. Por que sou obrigado a fazê-lo? (*)

Não há outros fatores que influem e que não quero ver? O erro fundamental, a que coisas se deve? O que deveria fazer em vez disso? Se não cometo esse erro, mudará o esquema de minha vida e esta será melhor ou pior? (*)

Procuro compreender que as circunstâncias que atuam não podem ser modificadas e aceito tudo como se fosse um acidente da natureza: como um terremoto ou um rio que, ao transbordar seu leito, arruína o trabalho e as casas dos ribeirinhos. (*)

Esforço-me para aceitar que nos acidentes não há culpados. Nem minha fraqueza, nem meus excessos, nem as intenções dos outros podem ser modificados nesse caso. (*)

Sei que se não me reconcilio agora, minha vida a futuro continuará arrastando a frustração. Então, com todo o meu ser, perdão e me perdão. Admito o que aconteceu como algo incontrollável por mim e pelos demais. (*)

A cena começa a se deformar, invertendo-se os claros e escuros, como um negativo de fotografia. Ao mesmo tempo, escuto a voz que me diz: "Se podes reconciliar-te com teu maior erro, tua frustração morrerá e terás conseguido mudar teu Destino..."

Estou em pé no meio do deserto. Vejo aproximar-se um veículo. Grito: "Táxi!" Logo em seguida, estou sentado confortavelmente no banco traseiro. Olho para o motorista, que está vestido de bombeiro, e lhe digo: "Leve-me para casa... não se apresse, assim tenho tempo para mudar de roupa." Penso: "Quem não sofreu mais de um acidente ao longo de sua vida?"

IV. A SAUDADE

As luzes coloridas piscam ao ritmo da música. Tenho à minha frente quem foi meu grande amor. Dançamos lentamente e cada flash revela um detalhe de seu rosto ou de seu corpo. (*)

O que falhou entre nós? Talvez o dinheiro. (*)

Talvez aquelas outras relações. (*)

Talvez aspirações diferentes. (*)

Talvez o destino ou isso tão difícil de definir, então. (*)

Danço lentamente, mas agora com quem foi esse outro grande amor. Cada flash revela um detalhe de seu rosto ou de seu corpo. (*)

O que falhou entre nós? Talvez o dinheiro. (*)

Talvez aquelas outras relações. (*)

Talvez aspirações diferentes. (*)

Talvez o destino ou isso tão difícil de definir, então. (*)

Eu te perdôo e me perdôo, porque se o mundo gira à nossa volta e nós dançamos, o que podemos fazer pelas férreas promessas que se tornaram borboletas de cores mutantes?

Resgato o bom e o belo do ontem contigo. (*)

E também contigo. (*)

E com todos aqueles por quem se encantaram meus olhos. (*)

Ah, sim! A aflição, a suspeita, o abandono, a infinita tristeza e as feridas do orgulho são o pretexto. Quão pequenos se tornam ao lado de um frágil olhar! Porque os grandes males que recordo são erros da dança, não a própria dança.

De ti agradeço o sorriso leve. E de ti o sussurro. E de todos aqueles agradeço a esperança de um amor eterno. Fico em paz com o ontem presente. Meu coração está aberto às recordações dos belos momentos. (*)

V. O PAR IDEAL

Caminhando por um espaço aberto destinado a exposições industriais, vejo galpões e maquinários. Há muitas crianças, às quais foram destinados brinquedos mecânicos de alta tecnologia.

Aproximo-me de um gigante feito de material sólido. Está de pé. Tem uma grande cabeça pintada com cores vivas. Uma escada chega até sua boca. Por ela, os pequenos sobem até a enorme cavidade e, quando um deles entra, esta se fecha suavemente. Pouco depois, a criança sai pela parte traseira do gigante, deslizando por um tobogã que termina na areia. Uma a uma, vão entrando e saindo, acompanhadas pela música que brota do gigante:

"Gargantua engole as crianças, com muito cuidado, sem lhes fazer mal!"

Ha, ha, ha! Ha, ha, ha! Com muito cuidado, sem lhes fazer mal!"

Decido subir pela escadinha e, entrando pela enorme boca, encontro um recepcionista que me diz: "As crianças seguem pelo tobogã e os adultos, pelo elevador."

O homem continua dando explicações, enquanto descemos por um tubo transparente. Em determinado momento, digo-lhe que já devemos estar no nível do solo. Ele comenta que acabamos de passar pelo esôfago, já que o resto do corpo está abaixo do solo, ao contrário do gigante infantil, que está todo na superfície. "Sim, há dois gargantuas em um" – ele me informa – "o das crianças e o dos adultos. Estamos a muitos metros abaixo do solo. Já passamos pelo diafragma, de modo que logo chegaremos a um lugar muito simpático. Veja, agora que se abre a porta de nosso elevador, apresenta-se o estômago... quer descer aqui? Como você vê, é um moderno restaurante que serve iguarias de todas os lugares do mundo."

Digo ao recepcionista que tenho curiosidade para ver o resto do corpo. Então, continuamos descendo. "Já estamos no baixo-ventre" – anuncia meu interlocutor, ao abrir a porta. "Tem uma decoração muito original. As paredes de cores mutantes são cavernas forradas delicadamente. O fogo central no meio do salão é o gerador que dá energia a todo o gigante. Os assentos são para descanso do visitante. As colunas, distribuídas em diversos pontos, permitem brincar de esconde-esconde... é possível aparecer e desaparecer atrás delas. É mais divertido quando são vários os visitantes que participam. Bem, deixo-o aqui, se é seu desejo. Basta que se aproxime da entrada do elevador para que a porta se abra e possa regressar à superfície. Tudo é automático... uma maravilha, não acha?"

Fecha-se a porta e fico sozinho no recinto.

Creio estar dentro do mar. Um grande peixe passa através de meu corpo e compreendo que os corais, as algas e as diversas espécies vivas são projeções tridimensionais com um incrível efeito de realidade. Sento-me para observar, sem pressa, o relaxante espetáculo. De repente, vejo que, do fogo central, surge uma figura humana com o rosto encoberto. Aproxima-se lentamente. Detém-se a curta distância e diz: "Bom dia, sou uma projeção tridimensional. Homens e mulheres procuram encontrar em mim seu par ideal. Estou programada para assumir o aspecto que você procura, mas qual é esse aspecto? Eu não posso fazer nada sem um pequeno esforço de sua parte. Mas, se você tentar, suas ondas encefálicas serão decodificadas, amplificadas, transmitidas e recodificadas novamente no computador central que, por sua vez, fará as recomposições que permitirão ir traçando minha identidade."

"E, então, o que faço?" – pergunto-lhe.

"Recomendo-lhe" – explica – "que proceda na seguinte ordem. Pense nos aspectos comuns que tiveram todas as pessoas com as quais se relacionou afetivamente. Não se refira apenas ao rosto ou ao corpo, mas também aos aspectos do caráter. Por exemplo: eram protetoras ou, pelo contrário, inspiravam em você a necessidade de lhes dar proteção? (*)

Eram valentes, tímidas, ambiciosas, enganadoras, sonhadoras ou cruéis? (*)

E, agora, que coisa igualmente desagradável ou reprovável ou negativa tiveram em comum? (*)

Quais eram seus aspectos positivos? (*)

Em que se pareceram os inícios de todas estas relações? (*)

Em que se pareceram os finais? (*)

Procure lembrar-se das pessoas com as quais desejou relacionar-se sem resultados positivos e por que não deu certo. (*)

Agora, atenção, começarei a tomar as formas que você ambiciona. Oriente-me e o farei com perfeição. Estou pronta. Então, pense... Como devo caminhar? Como estou vestida? O que faço exatamente? Como falo? Em que lugar estamos e o que fazemos?

Olhe meu rosto, tal como ele é! (*)

Olhe na profundidade de meus olhos, porque já deixei de ser uma projeção para me transformar em algo real... Olhe na profundidade de meus olhos e me fale suavemente sobre o que vê neles." (*)

Levanto-me para tocar a figura, mas ela se esquivava, desaparecendo detrás de uma coluna. Quando chego ao lugar, constato que desapareceu. No entanto, sinto em meu ombro uma mão que se apoia suavemente, ao mesmo tempo em que alguém diz: "Não olhe para trás. Deve ser o suficiente saber que estivemos muito próximos um do outro e que, graças a isso, suas buscas podem aclarar-se." No momento em que termina a frase, viro-me para ver quem está a meu lado, mas só percebo uma sombra que foge. Simultaneamente, o fogo central ruge e aumenta seu brilho, deslumbrando-me.

Noto que a cenografia e a projeção criaram o ambiente propício para que brote a imagem ideal. Essa imagem que está em mim e que chegou a me tocar, mas que por uma impaciência incompreensível desapareceu por entre meus dedos. Sei que estive muito perto de mim e isso me basta. Contudo, comprovo que o computador central não pôde projetar uma imagem tátil como a que senti sobre meu ombro...

Chego à entrada do elevador. A porta se abre e, então, ouço um canto infantil: "Gargantua engole os adultos, com muito cuidado, sem lhes fazer mal! Ha, ha, ha! Ha, ha, ha! Com muito cuidado, sem lhes fazer mal!"

VI. O RESSENTIMENTO

É noite. Estou em uma antiga cidade sulcada por canais de água que passam por baixo das pontes das ruas. Apoiado em um parapeito, olho abaixo o lento movimento de uma líquida e turva massa. Apesar da névoa, consigo ver sobre outra ponte um grupo de pessoas. Apenas escuto os instrumentos musicais, que acompanham vozes tristemente desafinadas. O som distante de sinos chega até mim, como entediadas ondas de lamento.

O grupo se foi, os sinos silenciaram.

Em uma passagem diagonal, mórbidas luzes de cores fluorescentes pouco iluminam.

Início minha caminhada, adentrando a névoa. Após perambular por vielas e pontes, chego a um espaço aberto. É uma praça quadrada e, ao que parece, vazia. O piso com ladrilhos me leva até um canto coberto pelas águas calmas.

A barca, semelhante a uma carruagem, espera-me mais adiante. Mas, antes, devo passar entre duas longas fileiras de mulheres. Vestidas com túnicas negras e empunhando tochas, dizem em coro quando eu passo: "Ó, morte, cujo ilimitado império alcança onde quer que estejam os que vivem. De ti depende o prazo concedido à nossa idade. Teu sono perene aniquila as multidões, já que ninguém se esquivava de teu poderoso impulso. Tu, unicamente, tens o juízo que absolve, e não há arte que possa impor-se a teu arrebatamento, nem súplica que revogue teu desígnio."

Subindo à carruagem, recebo ajuda do barqueiro que depois permanece de pé atrás de mim. Acomodo-me em um espaçoso assento. Percebo que nos elevamos até ficarmos ligeiramente acima d'água. Então, começamos a nos deslocar, suspensos sobre um mar aberto e imóvel, como um espelho sem fim que reflete a lua.

Chegamos à ilha. A luz noturna permite ver um longo caminho ladeado de ciprestes. A barca pousa sobre a água, balançando um pouco. Desço dela, enquanto o barqueiro permanece impassível.

Avanço em linha reta por entre as árvores que assoviavam com o vento. Sei que minha passagem é observada. Pressinto que há algo ou alguém escondido mais adiante. Detenho-me. Atrás de uma árvore, a sombra me chama com lentos acenos. Vou em sua direção e, já bem próximo, sinto um hálito grave, um suspiro de morte toca meu rosto. "Ajuda-me" – murmura – "sei que viestes me libertar desta prisão confusa. Somente tu podes fazê-lo... Ajuda-me!"

A sombra explica ser aquela pessoa com quem estou profundamente ressentido. (*)

E, como se adivinhasse meu pensamento, acrescenta: "Não importa se aquele a quem estás ligado pelo ressentimento mais profundo morreu ou está vivo, já que o domínio da obscura lembrança não respeita fronteiras."

Em seguida, continua: "Tampouco faz diferença se o ódio ou o desejo de vingança habitam teu coração desde a infância ou desde o passado recente. Nosso tempo é imóvel e, por isso, sempre espreitamos para surgir deformados como distintos temores, quando a oportunidade é propícia. E esses temores são nossa revanche pelo veneno que devemos provar a cada vez." (*)

Enquanto lhe pergunto o que devo fazer, um raio de lua ilumina fracamente sua cabeça coberta por um manto. Em seguida, o espectro se deixa ver com clareza e nele reconheço as feições de quem abriu minha maior ferida. (*)

Digo-lhe coisas que jamais teria comentado com ninguém; falo com a maior franqueza de que sou capaz. (*)

Pede-me que considere novamente o problema e que lhe explique os detalhes mais importantes, sem restrições, ainda que minhas palavras sejam injuriosas. Enfatiza que não deixe de mencionar nenhum rancor que sinta, já que, de outro modo, continuará cativo para sempre. Então procedo conforme suas instruções. (*)

Imediatamente, mostra-me uma forte corrente que o atira a um cipreste. Eu, sem duvidar, quebro-a com um puxão seco. Como consequência, o manto cai vazio e fica estendido no chão, enquanto o

vulto desvanece no ar e a voz se afasta para as alturas, repetindo palavras já conhecidas: "Adeus para sempre! Um vagalume já anuncia a proximidade do amanhecer e começa a empalidecer seu indeciso fulgor. Adeus, adeus, adeus! Lembre-se de mim!"

Ao compreender que logo amanhecerá, giro sobre meus calcanhares para voltar à barca, mas antes recolho o manto que ficou a meus pés. Coloco-o sobre meu ombro e apresso o passo em regresso. Enquanto me aproximo da costa, várias sombras furtivas me perguntam se algum dia voltarei para libertar outros ressentimentos.

Já perto do mar, vejo um grupo de mulheres vestidas com túnicas brancas segurando tochas no alto. Chegando à carruagem, dou o manto ao barqueiro. Este, por sua vez, entrega-o às mulheres. Uma delas lhe ateia fogo. O manto arde e se consome velozmente, sem deixar cinzas. Nesse instante, sinto um grande alívio, como se tivesse perdoado, com sinceridade, uma enorme ofensa. (*)

Subo à barca, que agora tem o aspecto de uma moderna lancha esportiva. Enquanto nos afastamos da costa, ainda com o motor desligado, ouço o coro das mulheres que diz: "Tu tens o poder de despertar o adormecido, unindo o coração à cabeça, livrando a mente do vazio, afastando as trevas do interno olhar e do esquecimento. Vê, bem-aventurada divindade. Memória verdadeira que orienta a vida para o reto sentido."

O motor arranca no instante em que começa a se levantar o sol no horizonte marinho. Olho o jovem barqueiro de rosto forte e sereno, que acelera sorridente em direção ao mar.

Agora que nos aproximamos a grande velocidade, vamos ricocheteando sobre o suave ondular. Os raios do sol douram as soberbas cúpulas da cidade, enquanto ao seu redor sobrevoam pombas em alegres bandos. (*)

VII. A PROTETORA DA VIDA

Flutuo de costas em um lago. A temperatura é muito agradável. Sem esforço, posso olhar para ambos os lados de meu corpo, descobrindo que a água cristalina me permite ver o fundo.

O céu é de um azul luminoso. Muito próxima, há uma praia de areia suave, quase branca. É um recanto sem ondas, aonde chegam as águas do mar.

Sinto que meu corpo flutua suavemente e que se relaxa cada vez mais, proporcionando-me uma extraordinária sensação de bem-estar.

Em determinado momento, decido inverter minha posição e, então, começo a nadar com muita harmonia até chegar à praia, por onde saio caminhando lentamente.

A paisagem é tropical. Vejo palmeiras e coqueiros, ao mesmo tempo em que sinto minha pele em contato com o sol e a brisa.

De repente, à minha direita, descubro uma gruta. Perto dela, ondula a água transparente de um riacho. Aproximo-me ao mesmo tempo em que vejo, no interior da gruta, a figura de uma mulher. Em sua cabeça, há uma coroa de flores. Posso ver seus lindos olhos, mas não consigo definir sua idade. De qualquer maneira, por trás desse rosto que irradia amabilidade e compreensão intuo uma grande sabedoria. Fico contemplando-a enquanto a natureza silencia.

"Sou a protetora da vida" – ela me diz. Respondo-lhe timidamente que não entendo bem o significado de sua frase. Nesse momento, vejo um filhote de cervo que lambe sua mão. Então, convida-me a entrar na gruta, pedindo que me sente na areia em frente a uma lisa parede de rocha. Agora não posso vê-la, mas ouço o que me diz: "Respire suavemente e me diga o que vê." Começo a respirar lenta e profundamente. Nesse momento, surge na pedra uma clara imagem do mar. Aspiro e as ondas chegam à praia. Expiro e elas se retiram. Ela me diz: "Tudo em teu corpo é ritmo e beleza. Tantas vezes renegaste teu corpo, sem compreender o maravilhoso instrumento de que dispões para te expressares no mundo." Nesse momento, aparecem na rocha diversas cenas de minha vida em que percebo vergonha, temor e horror por aspectos de meu corpo. As imagens se sucedem. (*)

Sinto incômodo ao compreender que ela observa as cenas, mas logo me tranquilizo. Em seguida acrescenta: "Mesmo na enfermidade ou na velhice, o corpo será o cão fiel que te acompanha até o último momento. Não o renegues quando já não possa responder a tuas vontades. Enquanto isso, faça-o forte e saudável. Cuide dele, para que esteja a teu serviço e te orienta apenas pelas opiniões dos sábios. Eu, que passei por todas as épocas, bem sei o quanto muda o padrão de beleza. Se não consideras teu corpo como o amigo mais próximo, ele entristece e adocece. Portanto, debes aceitá-lo plenamente. Ele é o instrumento de que dispões para te expressares no mundo... Quero que observes agora que parte dele é débil e menos saudável." Imediatamente, aparece a imagem dessa zona do meu corpo. (*)

Então, ela apoia sua mão nesse ponto e sinto um calor vivificante. Registro ondas de energia que se ampliam no ponto e experimento uma aceitação muito profunda de meu corpo tal como ele é. (*)

"Cuida de teu corpo seguindo apenas as opiniões dos sábios e não o mortifiques com mal-estares que só existem em tua imaginação. Agora, vai, pleno de vitalidade e em paz."

Ao sair da gruta, reconfortado e saudável, bebo a água cristalina do riacho, que me vivifica plenamente.

O sol e a brisa beijam meu corpo. Caminho pelas areias brancas até o lago e, ao chegar, vejo por um instante a silhueta da protetora da vida, refletida suavemente nas profundezas.

Vou entrando na água. Meu corpo é um remanso sem limite. (*)

VIII. A AÇÃO SALVADORA

Deslocamo-nos velozmente por uma grande estrada. Ao meu lado, dirige uma pessoa que nunca vi. Nos assentos traseiros, duas mulheres e um homem, também desconhecidos. O carro avança, rodeado por outros veículos que se movem imprudentemente, como se seus motoristas estivessem bêbados ou enlouquecidos. Não tenho certeza se está amanhecendo ou anoitecendo.

Pergunto a meu companheiro o que está acontecendo. Ele me olha furtivamente e responde em uma língua estranha: "Rex voluntas!" Ligo o rádio, que emite fortes descargas e ruídos de interferência elétrica. Mesmo assim, consigo escutar uma voz débil e metálica, que repete monotonamente: "... rex voluntas... rex voluntas... rex voluntas ..."

O deslocamento dos veículos vai se tornando mais lento, enquanto vejo à beira da estrada inúmeros carros capotados e um incêndio que se propaga entre eles. Ao pararmos, abandonamos o carro e corremos para o mato, entre um mar de pessoas que se lançam apavoradas.

Olho para trás e vejo, entre a fumaça e as chamas, muitos infelizes que ficaram presos mortalmente, mas sou obrigado a correr pelo estouro humano que me leva aos empurrões. Nesse delírio, tento inutilmente chegar até uma mulher que protege sua criança, enquanto a multidão passa por cima dela, muitos caindo no chão.

Enquanto se generaliza a desordem e a violência, decido deslocar-me em leve linha diagonal, que permita me separar do conjunto. Dirijo-me para um lugar mais alto que obrigue a frear a correria dos enlouquecidos. Muitos desfalecentes se agarram em minhas roupas, rasgando-as. Noto que a quantidade de pessoas vai diminuindo.

Consegui me safar e agora, continuo subindo, já quase sem força. Ao parar um instante, percebo que a multidão segue em direção oposta à minha, pensando certamente que, seguindo por uma descida, poderá sair mais depressa da situação. Constatato com horror que aquele terreno termina em um precipício. Grito com todas as minhas forças para alertar, mesmo que sejam os mais próximos, sobre a iminente catástrofe. Então, um homem se afasta do conjunto e se aproxima correndo em minha direção. Está com as roupas rasgadas e coberto de feridas. No entanto, sinto grande alegria pelo fato de que ele possa se salvar. Ao chegar, segura-me pelo braço e, gritando como um louco, aponta para baixo. Não entendo sua língua, mas creio que quer minha ajuda para resgatar alguém. Digo-lhe que espere um pouco, pois nesse momento é impossível... Sei que não me entende. Seu desespero me despedaça. O homem, então, tenta voltar e nesse momento faço-o cair de bruços. Fica no chão gemendo amargamente. De minha parte, compreendo que salvei sua vida e sua consciência, porque ele tentou salvar alguém e o impediram.

Subo um pouco mais e chego a um campo de cultivo. A terra está fofa e sulcada por recentes passadas de trator. Ouço à distância disparos de armas e creio compreender o que está acontecendo. Afasto-me depressa do lugar. Depois de algum tempo, paro. Tudo está em silêncio. Olho em direção à cidade e vejo um sinistro clarão.

Começo a sentir que o solo ondula sob meus pés e um ruído que chega das profundezas anuncia um iminente terremoto. Logo depois, perco o equilíbrio. Fico no chão lateralmente encolhido, mas olhando o céu, sentindo uma forte tontura.

O tremor cessa. Vejo uma lua enorme, que parece coberta de sangue.

Faz um calor insuportável e respiro o ar cáustico da atmosfera. Entretanto, continuo sem compreender se amanhece ou anoitece...

Já sentado, escuto um retumbar crescente. Em pouco tempo, cobrindo o céu, passam centenas de aeronaves, como mortais insetos que se perdem em direção a um destino ignorado.

Descubro perto de mim um grande cachorro que, olhando para a lua, começa a uivar, quase como um lobo. Chamo-o. O animal se aproxima timidamente. Chega junto a mim... Acaricio suavemente seu pelo eriçado. Noto um intermitente tremor em seu corpo. O cachorro se separa de mim e começa a se afastar. Coloco-me de pé e o sigo. Percorremos um espaço pedregoso até chegar

em um riacho. O animal sedento se atira e começa a beber a água com avidez, mas de imediato retrocede e cai. Aproximo-me, toco-o e comprovo que está morto.

Sinto novos tremores que ameaçam me derrubar, mas logo passam. Giro sobre meus calcanhares e enxergo no céu, ao longe, quatro formações de nuvens que avançam com um surdo retumbar de trovões. A primeira é branca; a segunda, vermelha; a terceira, negra e a quarta, amarela. Essas nuvens parecem quatro cavaleiros armados sobre cavalgaduras de tormenta, percorrendo os céus e assolando toda a vida na terra.

Corro tentando escapar das nuvens. Compreendo que, se a chuva me tocar, ficarei contaminado. Continuo correndo, mas, de repente, aparece diante de mim uma figura colossal. É um gigante que me fecha a passagem. Agita, ameaçante, uma espada de fogo. Grito-lhe que devo avançar porque se aproximam as nuvens radioativas. Ele me responde que é um robô colocado ali para impedir a passagem de pessoas destrutivas. Acrescenta que está armado com raios e avisa que não me aproxime. Vejo que o gigante separa nitidamente dois espaços: aquele de onde venho, pedregoso e mortiço, desse outro, cheio de vegetação e vida. Então, grito: "Tens que me deixar passar porque realizei uma boa ação."

– O que é uma boa ação? – pergunta o robô.

– É uma ação que constrói, que colabora com a vida.

– Pois bem – acrescenta – o que fizeste de interessante?

– Salvei um ser humano da morte certa e, além disso, salvei sua consciência.

Imediatamente, o gigante se afasta e pulo para o terreno protegido, no momento em que caem as primeiras gotas de chuva.

Há na minha frente um sítio. Perto, a casa dos camponeses. Pelas janelas, uma amarelada luz suave. Só agora percebo que começa o dia.

Quando chego à casa, um homem rude de aspecto bondoso me convida a entrar. Dentro, há uma família numerosa preparando-se para as atividades do dia. Fazem-me sentar à mesa na qual está servida uma comida simples e reconfortante. Logo estou bebendo água pura como de uma fonte. Algumas crianças correm e brincam ao meu redor.

"Dessa vez" – diz meu anfitrião – "você escapou. Mas, quando tiver novamente que atravessar o limite da morte, que coerência poderá exhibir?"

Peço-lhe esclarecimentos, porque suas palavras me parecem estranhas. Ele me explica: "Tente recordar o que poderíamos chamar de 'boas ações' (para lhes dar um nome) realizadas em sua vida. Lógico que não estou falando dessas 'boas ações' que as pessoas fazem esperando algum tipo de recompensa. Tente recordar somente aquelas que tenham deixado em você a sensação de que o que fez a outros foi o melhor para os outros... Assim, simples. Dou-lhe três minutos para que revise sua vida e constate que pobreza interior há em você, meu bom amigo. E uma última recomendação: se você tem filhos ou seres muito queridos, não confundas o que quer para eles com o que é o melhor para eles." Dito isso, saem da casa ele e toda sua gente. Fico sozinho, meditando sobre a sugestão do camponês. (*)

Em pouco tempo, o homem entra e me diz: "Já vê o quão vazio você é por dentro e se não é vazio, é porque está confuso. Ou seja, de qualquer maneira, você é vazio por dentro. Permita-me que lhe dê uma recomendação e aceite-a, porque é a única coisa que lhe servirá mais adiante. A partir de hoje, não deixe passar um só dia sem preencher sua vida."

Despedimo-nos. À distância, escuto que grita: "Diga às pessoas isso que você já sabe."

Afasto-me do sítio em direção à minha cidade.

Isto aprendi hoje: quando o ser humano pensa só em seus interesses e problemas pessoais, leva a morte na alma e tudo o que toca morre com ele.

IX. AS FALSAS ESPERANÇAS

Cheguei ao lugar que me recomendaram. Estou em frente à casa do médico. Uma pequena placa adverte: "Você que entra, abandone toda a esperança".

Depois que toco, a porta se abre e uma enfermeira me faz entrar. Indica-me uma cadeira na qual me sento. Ela se coloca atrás de uma mesa, diante de mim. Pega um papel e depois de colocá-lo em sua máquina de escrever, pergunta:

– Nome? – e eu respondo.

– Idade?... Profissão?... Estado civil?... Grupo sanguíneo?...

A mulher continua preenchendo a ficha com meus antecedentes familiares de enfermidade.

Respondo com meu histórico de enfermidades. (*)

A seguir, reconstruo todos os acidentes sofridos desde a infância. (*)

Olhando-me fixamente, pergunta com lentidão: "Antecedentes criminais?" De minha parte, respondo com certa inquietação. Quando ela me pergunta: "Quais são suas esperanças?", interrompo meu obediente sistema de respostas e lhe peço esclarecimentos. Indiferente e me olhando como a um inseto, ela responde: "Esperanças são esperanças! Então comece a contar e faça-o rápido, porque tenho que me encontrar com meu namorado." Levanto-me da cadeira e, num só golpe, tiro o papel da máquina. Em seguida, rasgo-o jogando os pedaços em uma lixeira. Dou meia volta e me dirijo à porta pela qual entrei. Constatado que não posso abri-la. Com nervosismo evidente, grito à enfermeira que a abra. Não me responde. Viro e vejo que a sala está vazia.

Com passos largos, dirijo-me a outra porta, imaginando que atrás dela está o consultório. Penso que ali encontrarei o doutor a quem apresentarei minhas queixas. Penso que por ali escapou essa maravilha de enfermeira. Abro e consigo frear a poucos centímetros de uma parede. "Atrás de uma porta, uma parede, que bela ideia!..." Corro até a primeira porta, que agora se abre, deparando-me novamente com o muro que me impede a passagem.

Ouçoo uma voz masculina que me diz por um alto-falante: "Quais são suas esperanças?" Recompondo-me, respondo ao médico que somos adultos e que, logicamente, minha maior esperança é sair dessa situação ridícula. Ele diz: "A placa na parede da entrada avisa ao que entra que abandone toda esperança." A situação me parece uma brincadeira grotesca, de modo que me sento na cadeira para esperar algum tipo de desenlace.

"Começemos de novo" – diz a voz. "Você lembra que em sua infância tinha muitas esperanças. Com o tempo, percebeu que jamais se cumpririam. Abandonou, assim, esses lindos projetos... Lembre-se!" (*)

"Mais adiante" – continua a voz – "aconteceram outras coisas e você teve que se resignar com que seus desejos não se cumprissem... Lembre-se. (*)

Por fim, você tem várias esperanças neste momento. Não me refiro à esperança de sair desta prisão, uma vez que este truque de ambientação já desapareceu. Estou falando de outra coisa. Estou falando de suas esperanças para o futuro. (*)

E quais delas você sabe secretamente que jamais se realizarão? Pense sinceramente... (*)

Sem esperanças não podemos viver. Mas, quando sabemos que são falsas, não podemos mantê-las indefinidamente, já que, mais cedo ou mais tarde, tudo terminará em uma crise de fracasso. Se você pudesse se aprofundar em seu interior, chegando às esperanças que reconhece que não se cumprirão e se, além disso, você se desse o trabalho de deixá-las aqui para sempre, ganharia em sentido de realidade. Então, trabalhem de novo o problema... Busque as mais profundas esperanças. Essas que você sente que nunca se realizarão. Cuidado para não se enganar! Há coisas que lhe parecem possíveis, nessas não mexa. Pegue somente aquelas que não se cumprirão. Vamos, busque-as com toda sinceridade, mesmo que seja um pouco doloroso. (*)

Ao sair desta sala, proponha-se a deixá-las aqui para sempre.

E agora, terminemos o trabalho. Estude, ao contrário, aquelas outras esperanças importantes que considera possíveis. Eu lhe darei uma ajuda. Dirija sua vida só pelo que acredita possível ou pelo que, autenticamente, sente que se cumprirá. Não importa que depois as coisas não se realizem, porque no final deram direção a suas ações. (*)

Enfim, terminamos. Agora, saia por onde entrou e faça-o rápido, porque tenho que me encontrar com minha secretária."

Levanto-me. Dou alguns passos, abro a porta e saio. Olhando a placa da entrada, leio: "Você que sai, deixe aqui toda falsa esperança."

X. A REPETIÇÃO

É noite. Caminho por um lugar fracamente iluminado. É uma ruela estreita. Não vejo ninguém. Em todo caso, a névoa difunde uma luz distante. Meus passos ressoam com um eco temeroso. Apresso o andar, com a intenção de chegar ao próximo poste de luz.

Chegando ao ponto, observo uma silhueta humana. A figura está a dois ou três metros de distância. É uma anciã com o rosto semi-encoberto. De repente, com uma voz quebrada, pergunta-me as horas. Olho o relógio e lhe respondo: "São 3 da manhã."

Afasto-me velozmente, entrando novamente na névoa e na escuridão, desejando chegar ao próximo poste de luz que avisto à distância.

Ali, novamente, está a mulher. Olho o relógio, que marca duas e trinta. Começo a correr até o poste seguinte e, enquanto isso, viro a cabeça para trás. De fato, afasto-me da silhueta que permanece quieta à distância. Chego correndo ao poste seguinte e percebo o vulto que me espera. Olho o relógio: são duas horas.

Corro, já sem nenhum controle, passando por postes e anciãs até que, esgotado, paro na metade do caminho. Olho o relógio e vejo em seu vidro o rosto da mulher. Compreendo que chegou o fim...

Apesar de tudo, tento entender a situação e me pergunto repetidamente: "De que estou fugindo?... De que estou fugindo?..." A voz quebrada me responde: "Estou atrás de ti e na tua frente. O que foi será. Porém, tens muita sorte, porque pudeste parar e pensar por um momento. Se resolves isso, poderás sair de tua própria armadilha." (*)

Sinto-me aturdido e fatigado. No entanto, penso que há uma saída. Algo me faz recordar várias situações de fracasso em minha vida. De fato, agora evoco os primeiros fracassos de minha infância. (*)

Depois, os fracassos da juventude. (*)

Também, os fracassos mais próximos. (*)

Percebo que no futuro continuarão repetindo-se, fracasso após fracasso. (*)

Todas as minhas derrotas tiveram algo parecido – é que as coisas que queria fazer não estavam ordenadas. Eram confusos desejos que terminavam se opondo uns aos outros. (*)

Agora mesmo descubro que muitas coisas que desejo alcançar no futuro são contraditórias. (*)

Não sei o que fazer com minha vida e, no entanto, quero muitas coisas confusamente. Sim, temo o futuro e não gostaria que se repetissem fracassos anteriores. Minha vida está paralisada nessa ruela de névoa, entre fulgores mortícios.

Inesperadamente, acende-se uma luz em uma janela e de lá alguém grita para mim: "Precisa de algo?"

– Sim – respondo-lhe – preciso sair daqui.

– Ah, não! ... Sozinho não se pode sair.

– Então, indique-me como faço.

– Não posso. Além disso, se continuarmos gritando, vamos acordar todos os vizinhos. Com o sono dos vizinhos não se brinca! Boa noite!

Apaga-se a luz. Então, surge em mim o mais forte desejo: sair dessa situação. Percebo que minha vida mudará somente se eu encontrar uma saída. A ruela tem aparentemente um sentido, mas não é senão uma repetição, desde o nascimento até a morte. Um falso sentido, de poste em poste, até que em algum momento se acabem minhas forças para sempre. Vejo à minha esquerda um cartaz indicador com setas e letras. A seta da ruela se chama Repetição da Vida. Outra assinala Anulação da Vida e uma terceira, Construção da Vida. Fico refletindo por um momento. (*)

Tomo a direção indicada pela terceira seta. Enquanto saio da ruela para uma avenida larga e luminosa, experimento a sensação de que estou por descobrir algo decisivo. (*)

XI. A VIAGEM

Continuo subindo a pé pelo caminho montanhoso. Paro um instante e olho para trás. Ao longe, vejo a linha de um rio e o que poderia ser um arvoredo. Mais distante, um deserto vermelho que se perde na bruma do entardecer. Ando mais alguns passos, enquanto o caminho se estreita até ficar apagado. Sei que falta um último trecho, o mais difícil, para chegar ao cume. A neve pouco dificulta meu deslocamento, então continuo a subida.

Chego à parede de rocha. Estudo-a cuidadosamente e descubro em sua estrutura uma fenda pela qual poderia escalar. Começo a subir, enganchando as botas de montanha nas saliências. Apoio as costas em uma borda da fenda, enquanto me firmo com um cotovelo e o outro braço. Subo. A fenda se estreita. Olho para cima e para baixo. Estou na metade do caminho. Impossível locomover-me em algum dos dois sentidos. Mudo a posição do corpo, ficando grudado de frente para a escorregadia superfície. Firmo os pés e, muito lentamente, estendo um braço para cima. A rocha me devolve o arquejo úmido da respiração. Apalpo sem saber se encontrarei alguma fissura, por pequena que seja. Estico o outro braço suavemente. Sinto-me oscilar. Minha cabeça começa a se separar lentamente da pedra. Depois, todo meu corpo. Estou por cair de costas... Mas encontro um pequeno buraco onde introduzo meus dedos como garras. Já firmado, continuo a subida, escalando sem dificuldade na etapa final.

Por fim, chego em cima. Levanto-me e aparece diante de mim uma planície interminável. Avanço uns passos. Depois, mudo de posição. Na direção do abismo é noite; na direção da planície, os últimos raios de sol fogem em tonalidades múltiplas. Estou comparando ambos os espaços, quando escuto um som agudo. Ao olhar para o alto, vejo um disco luminoso que, girando em círculos ao meu redor, começa a descer.

Pousa muito próximo. Movido por um chamado interior, aproximo-me sem prevenções. Penetro em seu interior com a sensação de atravessar uma cortina de ar morno. Nesse momento, experimento que meu corpo se torna leve. Estou em uma bolha transparente achatada em sua base.

Como impulsionados por um grande elástico, partimos em linha reta para cima. Creio que vamos em direção a Beta Hydri ou, talvez, para NGC3621 (?).

Consigo ver, fugazmente, o entardecer na planície. Subimos com maior velocidade, enquanto o céu se escurece e a Terra se distancia. Sinto que aumenta a velocidade. As límpidas estrelas vão mudando de cor, até desaparecer na escuridão total.

Em frente, vejo um único ponto de luz dourada que vai se tornando maior. Vamos em direção a ele. Agora se destaca um grande anel que continua em um corredor transparente bem comprido. Num momento, paramos subitamente. Descemos em um lugar aberto. Atravesso a cortina de ar morno e saio do objeto.

Estou diante de paredes transparentes e, ao atravessá-las, estas produzem musicais mudanças de cor.

Continuo avançando, até chegar a um espaço em cujo centro vejo um grande objeto móvel, impossível de se captar com o olhar, porque ao seguir uma direção qualquer em sua superfície esta termina envolvida no interior do próprio objeto. Sinto tontura e desvio o olhar.

Encontro uma figura, ao que parece, humana. Não posso ver seu rosto. Estende-me a mão, na qual vejo uma esfera radiante. Começo a me aproximar e, num ato de plena aceitação, pego a esfera e a apoio em minha testa. (*)

Então, em um silêncio total, percebo que algo novo começa a viver em meu interior. Ondulações sucessivas e uma força crescente banham meu corpo, ao mesmo tempo em que brota em meu ser uma profunda alegria. (*)

Sei que a figura me diz, sem usar palavras: "Regressa ao mundo com tua fronte e tuas mãos luminosas." (*)

Assim, pois, aceito meu destino. Depois, a bolha, e o anel, e as estrelas, e a planície, e a parede de rocha. (*)

Por último, o caminho e eu, humilde peregrino que regressa a sua gente. (*)

Eu, que volto luminoso às horas, ao dia rotineiro, à dor do homem, à sua simples alegria. Eu, que dou de minhas mãos o que posso, que recebo a ofensa e o cumprimento fraterno, canto ao coração, que do abismo escuro renasce para a luz do almejado Sentido.

XII. O FESTIVAL

Deitado em uma cama, creio estar em um quarto de hospital. Ouço apenas o pingar de uma torneira mal fechada. Tento mover os membros e a cabeça, mas não respondem. Com esforço, mantenho as pálpebras abertas.

Parece-me que alguém disse ao meu lado que, felizmente, estou fora de perigo... que agora é só uma questão de descanso. Inexplicavelmente, essas palavras confusas me trazem um grande alívio. Sinto o corpo adormecido e pesado, cada vez mais frouxo.

O teto é branco e liso, mas cada gota d'água que ouço cair cintila em sua superfície como um traço de luz. Uma gota, um traço. Depois outro. Depois, muitas linhas. Mais adiante, ondulações. O teto vai se modificando, seguindo o ritmo de meu coração. Pode ser um efeito das artérias de meus olhos, ao passarem os golpes de sangue. O ritmo vai desenhando o rosto de uma pessoa jovem.

– Ei, você! – me diz – por que não vem?

– Claro – penso – por que não?

... Ali adiante acontece um festival de música e o som dos instrumentos inunda de luz um enorme espaço atapetado de relva verde e flores.

Estou recostado na grama, olhando o cenário. Ao meu redor, há uma enorme quantidade de pessoas, mas me agrada o fato de ver que não estão apinhadas porque há muito espaço. À distância, consigo ver velhos amigos de infância. Sinto que estão realmente à vontade.

Fixo a atenção em uma flor conectada a seu caule por um delgado talo de pele transparente, em cujo interior vai se aprofundando o verde reluzente. Estico a mão, passando suavemente o dedo pelo talo delicado e fresco, interrompido apenas por pequeníssimas protuberâncias. Assim, subindo entre folhas de esmeralda, chego às pétalas, que se abrem em uma explosão multicolorida. Pétalas como cristais de catedral solene, pétalas como rubis e como fogo de lenhos amanhecidos em fogueira... E nessa dança de matizes, sinto que a flor vive, como se fosse parte de mim. (*)

E a flor, agitada por meu contato, solta uma gota de orvalho sonolenta, presa apenas em uma pétala final. A gota vibra em uma forma oval, depois se alonga e, já no vazio, aplanar-se para arredondar-se novamente, caindo em um tempo sem fim. Caindo, caindo no espaço sem limite... Por fim, caindo no chapéu de um cogumelo, roda por ele como pesado mercúrio, deslizando até suas bordas. Ali, em um espasmo de liberdade, lança-se sobre uma pequena poça d'água na qual levanta tormentosas ondas que banham uma ilha de pedra-mármore. (*)

Levanto o olhar para ver uma abelha dourada que se aproxima para sugar a flor. E, nessa violenta espiral de vida, contraio minha mão desrespeitosa, afastando-a daquela perfeição deslumbrante.

Minha mão... Olho-a atônito, como se a visse pela primeira vez. Virando-a, flexionando e esticando os dedos, vejo as encruzilhadas da palma e, em suas linhas, compreendo que todos os caminhos do mundo convergem ali. Sinto que minha mão e suas profundas linhas não me pertencem e agradeço em meu íntimo a desposseção de meu corpo.

Lá adiante acontece o festival e eu sei que a música me comunica com essa garota que olha seu vestido e com o homem jovem que, acariciando um gato azul, apoia-se em uma árvore. Sei que já vivi tudo isso e que captei a silhueta rugosa da árvore e as diferenças de volume dos corpos. Em outra ocasião, já havia percebido essas nuvens ocre de formas suaves, como se fossem de papelão recortado, no celeste límpido do céu. E também vivi essa sensação sem tempo em que meus olhos parecem não existir, porque vêem tudo com transparência, como se não fossem os olhos do olhar diário, aqueles que turvam a realidade. Sinto que tudo vive e que tudo está bem. Que a música e as coisas não têm nome e que nada verdadeiramente pode designá-las. (*)

Nas borboletas aveludadas que voam ao meu redor, reconheço a calidez dos lábios e a fragilidade dos sonhos felizes. O gato azul vem para perto de mim. Descubro algo óbvio: ele se move sozinho, sem fios, sem controle remoto. Faz por si mesmo e isso me deixa atônito. Em seus

perfeitos movimentos e por trás dos lindos olhos amarelos, sei que há uma vida e que todo o resto é um disfarce: como a casca da árvore, como as borboletas, como a flor, como a gota de mercúrio, como as nuvens recortadas, como a mão dos caminhos convergentes. Por um momento, pareço me comunicar com algo universal. (*)

Porém, uma voz suave me interrompe, justamente antes de passar para outro estado de consciência.

"Você crê que as coisas são assim?" – sussurra-me a desconhecida. "Eu lhe direi que não são desse modo, nem do outro. Você já voltará ao seu mundo cinza, sem profundidade, sem alegria, sem volume. E acreditará que perdeu a liberdade. Por enquanto, você não me entende, já que não tem capacidade de pensar por vontade própria. Seu aparente estado de liberdade é apenas produto da química. Isso acontece a milhares de pessoas, às quais sempre aconselho. Bom dia!"

A amável senhora desaparece. Toda a paisagem começa a girar em uma espiral cinza-clara até aparecer o teto ondulante. Ouço a gota d'água da torneira. Sei que estou deitado em um quarto. Sinto que o embotamento dos sentidos se dilui. Tento mover a cabeça e ela responde. Depois, os membros. Estico-me e percebo que estou em perfeitas condições. Levanto-me da cama reconfortado, como se tivesse descansado por anos.

Caminho até a porta do quarto. Abro-a. Encontro um corredor. Caminho velozmente em direção à saída do prédio. Chego até ela e vejo uma grande porta aberta pela qual passa muita gente em ambas as direções. Desço uns degraus e chego à rua.

É cedo. Olho as horas em um relógio de parede e vejo que preciso me apressar. Um gato assustado atravessa por entre pedestres e veículos. Vejo-o correr e, sem saber por que, digo a mim mesmo: "Há outra realidade que meus olhos não vêem todos os dias."

XIII. A MORTE

Creio que estou em um teatro. Tudo está às escuras. Aos poucos, o palco começa a se iluminar, mas eis que estou nele.

O ambiente é cinematográfico. Por ali, luzes de tochas. No fundo, uma gigantesca balança de dois pratos. Creio que o teto, possivelmente abobadado, é muito alto, porque não vejo seus limites. Consigo reconhecer algumas paredes de rocha, árvores e pântanos ao redor do centro do palco. Talvez tudo continue em uma selva muito espessa. Por todo lado, há figuras humanas que se movem furtivamente.

Subitamente, dois sujeitos encapuzados seguram meus braços. Então, uma voz grave me pergunta:

– De onde vens?

Não sei o que responder, então explico que venho de "dentro".

– O que é "dentro"? – pergunta a voz.

Ensaio uma resposta: "Como vivo na cidade, o campo é 'fora'. Para as pessoas do campo, a cidade também é 'fora'. Eu vivo na cidade, ou seja, 'dentro', e por isso digo que venho de 'dentro' e que agora estou 'fora'."

– Isso é uma estupidez. Tu entras em nossos domínios, de maneira que vens de "fora". Aqui não é o campo, e sim tu "por dentro". Não pensaste, por acaso, que isto era um teatro? Entrastes no teatro que, por sua vez, está em tua cidade. A cidade em que vives está fora do teatro.

– Não – respondo – o teatro é parte da cidade em que vivo.

– Escuta, insolente – diz a voz – terminemos com essa discussão ridícula. Para começar, direi que já não vives na cidade. Vivias na cidade, portanto teu espaço de "dentro" ou de "fora" ficou no passado. Assim, estás em outro espaço-tempo. Nesta dimensão, as coisas funcionam de outra maneira.

Imediatamente, aparece à minha frente um velhinho trazendo em sua mão direita um recipiente. Ao chegar perto de mim, introduz a outra mão em meu corpo, como se este fosse de manteiga. Primeiramente, extrai meu fígado e o coloca na vasilha, depois faz o mesmo com os rins, o estômago, o coração e, por último, tira sem profissionalismo tudo o que vai encontrando, até transbordar o receptáculo. De minha parte, não sinto nada especial. O sujeito gira sobre os calcanhares e, levando minhas vísceras até a balança, conclui depositando-as em um dos pratos, que desce até tocar o chão. Então, penso que estou em um açougue no qual se pesam pedaços de animais diante dos fregueses. De fato, uma senhora portando um cesto tenta se apoderar de minhas entranhas, mas é impedida pelo velhinho, que grita: "Mas, o que é isso? Quem lhe autorizou a levar essas peças?" O personagem, então, sobe por uma escada até o prato no alto e ali deposita uma pena de coruja no prato vazio.

A voz volta a se dirigir a mim com estas palavras: "Agora que estás morto e desceste até o umbral do mundo das sombras, dirás: 'estão pesando minhas vísceras' e estarás certo. Pesar tuas vísceras é pesar tuas ações."

Os encapuzados que me seguravam soltam meus braços e começo a caminhar lentamente, mas sem direção precisa. A voz continua: "As vísceras baixas estão no fogo infernal. Os cuidadores do fogo mostram-se sempre ativos e impedem que se aproximem aqueles a quem desejás."

Percebo que a voz vai guiando meus passos e que, a cada insinuação, muda a cena. A voz diz: "Primeiramente pagarás aos cuidadores. Em seguida, entrarás no fogo e recordarás os sofrimentos que causaste a outros na cadeia do amor. (*)

Pedirás perdão aos maltratados por ti e sairás purificado, somente quando te reconciliares. (*)

Então, chama por seus nomes os prejudicados e roga-lhes que permitam ver seus rostos. Se eles aceitarem, escuta com cuidado seus conselhos, porque estes são tão suaves quanto brisas longínquas. (*)

Agradece com sinceridade e parte, seguindo a tocha de teu guia. O guia atravessará escuros corredores e chegará contigo a uma câmara onde aguardam as sombras daqueles que violentaste em tua existência. Eles, todos eles, estão na mesma situação sofredora na qual um dia os deixaste. (*)

Pede-lhes perdão, reconcilia-te e beija-os, um por um, antes de partires. (*)

Segue o guia, que bem sabe levar-te a teus lugares de naufrágio, aos lugares das coisas irreparavelmente mortas. Ó mundo das grandes perdas, no qual sorrisos e encantos e esperanças são teu peso e teu fracasso! Contempla tua longa cadeia de fracassos e, para isso, pede ao guia que ilumine lentamente todas aquelas ilusões. (*)

Reconcilia-te contigo mesmo, perdoa a ti mesmo e ri. Então, verás que, dos chifres dos sonhos, surge um vento que leva para o nada o pó de teus ilusórios fracassos. (*)

Imediatamente, toda a cena muda e me encontro em outro ambiente no qual escuto: "Mesmo no bosque escuro e frio, segue teu guia. As aves de maus presságios roçam tua cabeça. Nos pântanos, laços serpentinos te rodeiam. Faz com que teu guia te leve à gruta. Ali não podes avançar, a menos que pagues teu preço às formas hostis que defendem a entrada. Se, finalmente, conseguires penetrar, pede ao guia que vá iluminando à esquerda e à direita. Roga-lhe que aproxime sua tocha dos grandes corpos de mármore daqueles que não pudeste perdoar. (*)

Perdoa-os, um por um, e quando teu sentimento for verdadeiro, as estátuas irão se transformando em seres humanos que sorrirão e estenderão em tua direção seus braços, em um hino de agradecimento. (*)

Segue o guia para fora da gruta e não olhes para trás, em nenhuma circunstância. Deixa teu guia e volta aqui, onde se pesam as ações dos mortos. Agora, olha o prato da balança no qual estão depositadas tuas ações e comprova como estas sobem e são mais leves que uma pena."

Sinto um rangido metálico, ao mesmo tempo em que vejo elevar-se o prato em que está depositada a vasilha.

E a voz conclui: "Perdoaste teu passado. Tens demasiado para pretender mais por agora. Se tua ambição te levasse mais longe, poderia acontecer que não voltasses à região dos vivos. Tens demasiado com a purificação do teu passado. Eu te digo agora: desperta e sai fora deste lugar."

As luzes da cena vão se apagando lentamente, enquanto sinto que estou fora daquele mundo e novamente dentro deste. Mas também percebo que, neste mundo, contendo as experiências daquele outro.

SEGUNDA PARTE: JOGOS DE IMAGENS

I. O ANIMAL

Estou em um lugar totalmente escuro. Tateando com o pé, sinto que o terreno é irregular, entre vegetal e pedregoso. Sei que em alguma parte há um abismo. Percebo, muito próximo, esse animal que sempre me provocou a inconfundível sensação de asco e terror. Talvez um animal, talvez muitos... Mas é certo que algo se aproxima irremediavelmente. Um zumbido em meus ouvidos, às vezes confundido com um vento distante, contrasta com o silêncio total. Meus olhos muito abertos não vêem, meu coração se agita e, se a respiração é tênue como um fio, a garganta se aperta com um sabor amargo.

Algo se aproxima. Mas, o que há atrás de mim que me arrepia e que me esfria as costas como gelo? Minhas pernas fraquejam e, se algo me atacar ou pular sobre mim por trás, não terei defesa alguma. Estou imóvel... apenas espero. Penso desordenadamente no animal e naquelas ocasiões em que estive perto de mim. Especialmente naquele momento. Revivo aquele momento. (*)

O que acontecia, então? O que acontecia em minha vida naquele momento? Procuro recordar as frustrações e os temores que me acompanhavam quando aconteceu aquilo. (*)

Sim, eu estava em uma encruzilhada em minha vida e ela coincidiu com o acidente do animal. Tenho uma necessidade imperiosa de encontrar a relação. (*)

Sinto que posso refletir com mais calma. Admito que há animais que suscitam uma reação de desagrado em quase todas as pessoas, mas também compreendo que nem todos se descontrolam diante de sua presença. Penso nesse fato. Comparo o aspecto desse perigoso ser com a situação que eu vivia quando aconteceu aquilo. (*)

Agora, já calmo, procuro sentir qual parte do meu corpo eu protegeria do perigoso animal. Depois, relaciono essa parte com a situação difícil que vivia quando aconteceu o acidente, tempos atrás. (*)

O animal provocou em mim a aparição desse momento de minha vida que não está resolvido. Esse momento obscuro e doloroso, que às vezes não recordo, é o ponto que devo esclarecer. (*)

Vejo acima um límpido céu noturno e, adiante, o arrebol de um novo amanhecer. Rapidamente, o dia traz consigo a vida definida. Aqui, nesta pradaria suave, caminho com liberdade sobre um tapete de relva coberta de orvalho.

Um veículo se aproxima a grande velocidade. Pára ao meu lado e dele descem duas pessoas vestidas de enfermeiros. Cumprimentam-me cordialmente e dizem que capturaram o animal que me provoca sobressalto. Comentam que, quando recebem uma mensagem de medo, saem à caça e, depois de capturar o animal, mostram-no à pessoa afetada para que o estude bem. Em seguida, colocam diante de mim o animal, cuidadosamente resguardado. Trata-se de um exemplar indefeso. Aproveito para examiná-lo lentamente, de todos os ângulos e distâncias. Os homens o acariciam com suavidade e o animalzinho responde amigavelmente. Depois, convidam-me a fazer o mesmo. Sinto uma forte apreensão, mas depois da primeira repulsa que sinto na pele, faço uma nova tentativa, depois outra, até que finalmente consigo acariciá-lo. (*)

Ele responde pacificamente e com movimentos bem preguiçosos. Depois vai diminuindo de tamanho até desaparecer.

Enquanto o veículo parte, procuro recordar novamente a situação em que vivia quando (faz muito tempo) a presença do animal me provocou terror. (*)

Sinto um forte impulso e começo a correr esportivamente, aproveitando a manhã e seu ar saudável. Movo-me ritmicamente e sem fadiga, enquanto respiro profundamente. Acelero a velocidade, sentindo os músculos e o coração trabalharem como uma máquina perfeita. Correndo livremente, recordo meu temor, mas sinto que sou mais forte e que, em pouco tempo, terei vencido-o para sempre.

Enquanto o sol ilumina do alto, vou me aproximando velozmente da minha cidade, com os pulmões cheios e os músculos movendo-se em harmoniosa sincronia. Sinto aquelas partes de meu corpo, que antes eram presas do temor, fortes e inatacáveis. (*)

II. O TRENÓ

Estou em uma grande esplanada coberta de neve. Ao meu redor, há muitas pessoas praticando esportes de inverno. Percebo que está frio, apesar do esplêndido sol, devido ao vapor que sai de minha boca. Sinto, às vezes, rajadas de vento geladas que batem em meu rosto... mas isso me agrada muito.

Aproximam-se vários amigos transportando um trenó. Pedem que eu suba nele e o dirija. Explicam-me que seu desenho é perfeito e que é impossível perder o controle. Em seguida, sentando-me nele, ajusto as correias e as ferragens. Coloco meus óculos e ligo as turbinas, que assobiam como pequenos jatos. Piso suavemente no acelerador com o pé direito e o trenó começa a se mover. Afrouxo o pé e piso com o esquerdo. O aparelho pára suavemente. Depois, manobro o volante para a direita e para a esquerda, sem esforço algum. Então, dois ou três de meus amigos partem na frente, deslizando sobre seus esquis. "Vamos!" – gritam e se lançam desde a esplanada, ziguezagueando na descida pela magnífica ladeira montanhosa.

Aperto o acelerador e começo a me movimentar com uma suavidade perfeita. Começo a descida atrás dos esquiadores. Olho a formosa paisagem coberta de neve e pinheiros. Mais abaixo, algumas casas de madeira e, ao longe, um vale luminoso.

Acelero sem receio e ultrapasso um esquiador, depois outro e, finalmente, o terceiro. Meus amigos me saúdam com grande algazarra. Dirijo-me para os pinheiros que aparecem em meu trajeto e desvio deles com movimentos impecáveis. Então, disponho-me a dar mais velocidade à máquina. Aperto fundo o acelerador e sinto a tremenda potência das turbinas. Vejo passarem os pinheiros dos dois lados, como sombras imprecisas, enquanto a neve fica para trás, flutuando em uma finíssima nuvem branca. O vento gelado estica a pele do meu rosto e preciso fazer força para manter meus lábios fechados.

Vejo um refúgio de madeira que aumenta rapidamente e, nas laterais, trampolins de neve para a prática de salto gigante de esqui. Sem vacilar, aponto para a esquerda. Em um instante, estou sobre ele e, nesse momento, desligo o motor para evitar um possível incêndio na queda...

Saio catapultado para cima, num vôo estupendo. Escuto somente o bramido do vento, enquanto começo a cair por centenas de metros. Aproximando-me da neve, comprovo que meu ângulo de queda vai coincidindo perfeitamente com a inclinação da ladeira e, assim, toco o plano delicadamente. Ligo as turbinas e continuo acelerando, enquanto me aproximo do vale. Começo a frear pouco a pouco. Levanto meus óculos e me dirijo para o complexo hoteleiro de onde partem numerosos teleféricos, levando desportistas para as montanhas. Finalmente, entro em uma esplanada. Adiante e à direita, observo a boca escura de um túnel, como o de uma ferrovia. Dirijo-me devagar para ele, passando por uns charcos de neve derretida. Ao chegar à boca, certifico-me: vejo que não há trilhos de trem, nem marcas de rodas. Porém, penso que poderiam se deslocar por ali grandes caminhões. Talvez seja o depósito dos quebra-neves. Seja como for, entro lentamente no túnel. Está fracamente iluminado. Acendo o farol dianteiro e seu forte feixe de luz me permite ver um caminho reto por centenas de metros. Acelero. O som do jato retumba e os ecos se mesclam. Vejo adiante que o túnel faz uma curva e, em vez frear, acelero, de modo que, chegando ao lugar, deslizo pela parede sem inconvenientes. Agora o caminho desce e, mais adiante, faz uma curva para cima, descrevendo uma espiral, como se fosse uma serpentina ou uma mola fantástica.

Acelero. Estou descendo. Começo a subida e compreendo por um momento que estou correndo pelo teto, para descer novamente e voltar a uma linha reta. Freio suavemente e me disponho a descer em uma queda parecida à de uma montanha russa. O declive é muito pronunciado. Começo a descida, mas vou freando simultaneamente. A velocidade vai diminuindo. Vejo que estou passando por uma ponte estreita que corta o vazio. Em ambos os lados, há uma profunda escuridão. Freio ainda mais e pego a reta horizontal da ponte, que tem a exata largura do trenó. Mas, sinto-me seguro. O material é firme. Olhando ao longe, até onde chega a luz do farol, meu caminho parece um fio esticado, separado de todo teto, de todo fundo, de toda parede... separado por distâncias abismais. (*)

Detenho o veículo, interessado no efeito da situação. Começo a imaginar diversos perigos, mas sem sobressalto: a ponte quebrando e eu caindo no vazio. Depois, uma imensa aranha descendo por seu grosso fio de seda... descendo até mim como se eu fosse uma pequena mosca. Por último, imagino um despenhadeiro colossal e longos tentáculos que sobem das obscuras profundezas. (*)

Ainda que o ambiente seja propício, verifico que tenho suficiente força interior para vencer os temores. De maneira que tento, uma vez mais, imaginar algo perigoso ou abominável e me abandono a esses pensamentos. (*)

Superei o transe e me sinto recompensado pela prova que me impus, de modo que ligo as turbinas e acelero. Passo a ponte e chego novamente a um túnel parecido ao do começo. Velozmente, sigo por uma subida muito extensa. Penso que estou chegando ao nível da saída. Vejo a luz do dia que aumenta de diâmetro. Agora, em linha reta, saio rápido para a esplanada aberta do complexo hoteleiro. Vou bem devagar, desviando das pessoas que caminham ao meu redor. Assim continuo, bem devagar, em direção a uma extremidade do lugar que dá passagem para as pistas de esqui. Desço os óculos e começo a acelerar para chegar com suficiente velocidade à ladeira que terminará no cume onde comecei meu percurso. Acelero, acelero, acelero... Estou subindo o plano inclinado à incrível velocidade que ganhei na descida. Vejo aproximar-se o refúgio de madeira e os dois trampolins aos lados, só que agora se apresenta uma parede vertical que me separa deles. Viro à esquerda e continuo a subida, até passar por um lado, na altura das rampas. Os pinheiros passam ao meu lado como sombras imprecisas, enquanto a neve fica para trás, flutuando em finíssima nuvem branca...

À frente, vejo meus três amigos parados, que me saúdam com seus bastões de esqui levantados. Dou a volta em torno deles, lançando-lhes cortinas de neve. Continuo a subida e chego ao cume da montanha. Paro. Desligo as turbinas. Levanto meus óculos, solto as fivelas das correias e saio do trenó. Estico as pernas e depois todo o corpo, um pouco entorpecido. Aos meus pés, descendo pela magnífica ladeira, vejo os pinheiros e muito distante, como conjunto irregular, o complexo hoteleiro. Sinto o ar puríssimo e o efeito do sol de montanha curtindo a pele de meu rosto. (*)

III. O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Estou em um quarto, sentado ao lado de uma pessoa que não conheço, mas que é de minha confiança absoluta. Tem todas as características de um bom conselheiro: bondade, sabedoria e força. No entanto, muitos lhe dão o pitoresco apelido de "limpador de chaminés".

Vim consultá-lo sobre alguns problemas pessoais e, de sua parte, ele respondeu que minhas tensões internas são tão fortes que o mais aconselhável é fazer um exercício de "limpeza". Sua descrição é tão grande que, estando ele sentado a meu lado sem fixar o olhar em mim, posso expressar-me livremente. Dessa maneira, estabelecemos uma boa relação. Ele me pede que relaxe completamente, afrouxando os músculos. Ajuda-me, apoiando suas mãos em minha testa e nos diversos músculos do meu rosto. (*)

Depois, segura minha cabeça e move-a para a esquerda e para a direita, para frente e para trás, para que relaxe o pescoço e os ombros. Destaca como importante que os olhos e a mandíbula fiquem frouxos. (*)

Indica, posteriormente, que afrouxe os músculos do tronco. Primeiro os da frente e, depois, os de trás. (*)

Não se preocupou com as tensões nos braços e nas pernas porque, segundo assegura, eles se distendem sozinhos como consequência do anterior. Recomenda-me, agora, que sinta meu corpo mole como borracha, "morno" e pesado, até encontrar uma sensação algodoada e agradável. (*)

Ele me diz: "Vamos direto ao ponto. Revise até o último detalhe desse problema que lhe faz mal. Considere que não estou aqui para julgá-lo. Eu sou um instrumento seu, e não o inverso." (*)

– Pense – continua – naquilo que não contaria a ninguém por nenhum motivo. (*)

– Conte-me – diz – detalhadamente. (*)

"Se deseja, continue me dizendo tudo que lhe faria bem transmitir. Diga-o sem se preocupar com as expressões e solte suas emoções livremente." (*)

Depois de um tempo, o limpador de chaminés se levanta e pega um objeto comprido, ligeiramente curvo. Coloca-se na minha frente e diz: "Abra a boca!" Obedeço. Depois, sinto que me introduz uma espécie de pinça comprida que chega até meu estômago. No entanto, percebo que posso tolerá-la... Em seguida, grita: "Peguei!" E começa a retirar o objeto, pouco a pouco. A princípio, tenho a impressão de que está arrancando algo, mas logo sinto que se produz em mim uma agitação agradável, como se, das entranhas e dos pulmões, fosse se desprendendo algo que esteve malignamente aderido durante muito tempo. (*)

Vai retirando a pinça. Assombro-me ao sentir que, preso a ela, vai saindo de minha boca uma forma adocicada, malcheirosa e viscosa que se retorce... Por último, o limpador de chaminés coloca o desagradável ser em um frasco transparente, enquanto experimento um imenso alívio, como uma purificação interna do meu corpo.

De pé, observo boquiaberto a repugnante "coisa" que vai se diluindo até se transformar em uma gelatina disforme. Em pouco tempo, já é um líquido escuro. Depois, continua clareando para acabar sumindo ao escapar em forma de gás na atmosfera. Em menos de um minuto, o frasco ficou perfeitamente limpo.

"Vê" – diz o limpador de chaminés – "por isso esse procedimento se chama 'limpeza'. Enfim, hoje não esteve mal. Um pouco de problema cotidiano com algo de humilhação, uma dose de traição e algum complemento de consciência culpada. Resultado: um pequeno monstro que lhe impedia de ter bons sonhos, boa digestão e boas outras coisas. Se você visse... Às vezes, retiro monstros enormes. Bem, não se preocupe se permanecer uma sensação desagradável por algum tempo... Despeço-me de você."

IV. A DESCIDA

Estamos em um pequeno barco, mar adentro. Ao começar a levantar âncora, notamos que esta se prendeu. Aviso a meus amigos que vou ver o que está acontecendo. Desço por uma escadinha, entrando na água calma. Ao submergir, vejo um cardume de pequenos peixes, o casco do barco e a corrente da âncora. Nado em sua direção e, aproveitando-a, desço por ela. Noto que posso respirar sem dificuldade, de maneira que continuo descendo pela corrente até chegar ao fundo, já pouco iluminado.

A âncora está enroscada em restos de metal. Aproximo-me, puxando com força para cima. O chão cede. Levantei um alçapão que revela um espaço quadrado no qual eu entro. (*)

Nado para uma maior profundidade e, ao sentir uma corrente submarina fria, sigo sua direção. Acabo tocando uma superfície lisa, coberta em algumas partes por vegetação marinha. Subo sem me afastar dela. À medida que vou emergindo, percebo mais claridade. (*)

Emerjo em um olho d'água dentro de uma caverna difusamente iluminada. Subo a uma espécie de plataforma. Caminho uns passos e descubro uma escadaria. Começo a descer por ela, cuidadosamente.

O pequeno corredor se estreita cada vez mais, enquanto continuo descendo a escada, agora muito escorregadia. Vejo tochas acesas com regularidade. Agora a descida é quase vertical. O ambiente é úmido e sufocante. (*)

Uma grade enferrujada, como se fosse uma porta, impede minha passagem. Empurro-a e esta se abre rangendo. A escada terminou e agora há apenas uma rampa barrenta pela qual me desloco com cuidado. O cheiro é pegajoso, quase sepulcral. (*)

Uma lufada de ar ameaça apagar as tochas. Ao fundo, ouço o rugido de um mar bravio açoitando os rochedos. Começo a ter dúvidas sobre minha volta. O vento assobia com força, apagando a tocha mais baixa. Então, começo a subir, freando todo impulso de sobressalto. Lentamente, subo pela rampa barrenta. Chego à porta enferrujada. Está fechada... Abro-a novamente e continuo subindo com dificuldade pela escada quase vertical, enquanto as tochas continuam se apagando atrás de mim. A escada de pedra está cada vez mais escorregadia, de modo que dou passos cuidadosos. Alcancei a caverna. Chego à plataforma e submerjo no olho d'água no instante em que se apaga a última luz. Desço para as profundezas, tocando a superfície lisa e vegetal. Tudo está às escuras. (*)

Ao sentir uma corrente fria, nado em direção oposta com muita dificuldade. (*)

Consigo sair da corrente. Agora subo verticalmente, até tocar um teto de pedra. Procuro em todas as direções para encontrar a abertura quadrada. (*)

Cheguei ao lugar. Passo pelo orifício. Agora, desengancho a âncora de seu enroscos e apoio meus pés nela, enquanto balanço as correntes para avisar meus companheiros. De cima, estão puxando a âncora, levando-me como passageiro. Lentamente, vai se iluminando o espaço aquático, enquanto observo um fascinante arco-íris de seres submarinos. Emerjo, solto a corrente e, agarrando-me à escadinha do barco, subo entre o entusiasmo e a gozação de meus amigos. (*)

V. A SUBIDA

É dia. Entro em uma casa. Começo lentamente a subir por uns degraus. Chego ao primeiro andar. Continuo subindo. Estou no terraço. Observo uma escada de metal em espiral. Não tem corrimão de proteção. Devo subir para chegar à caixa d'água. Faço-o com tranquilidade. Estou sobre a caixa. Sua base é pequena. Toda a estrutura balança, devido às rajadas de vento. Estou em pé. (*)

Aproximo-me da borda. Embaixo, vejo o terraço da casa. Sinto-me atraído pelo vazio, mas me refaço e continuo olhando. Depois, passeio a vista pela paisagem. (*)

Acima de mim, um helicóptero. Desce dele uma escadinha de corda. Os degraus são de madeira. Pego a escada e apoio os pés no último degrau. O aparelho sobe lentamente. Lá embaixo fica a caixa d'água, cada vez menor. (*)

Subo pela escada, até chegar à porta. Tento abri-la, mas está trancada. Olho para baixo. (*)

Abrem a porta de metal. Um jovem piloto me estende a mão. Entro. Subimos velozmente. Alguém anuncia que há uma falha no motor. Em pouco tempo, ouço um som de engrenagens quebradas. A hélice de sustentação travou. Começamos a perder altura cada vez mais rapidamente. Distribuem-se pára-quedas. Os dois tripulantes saltam para o vazio. Estou no trilho da porta, enquanto a queda é vertiginosa. Decido-me e salto. Vou caindo de frente. A aceleração me impede de respirar. Puxo um anel e o pára-quedas se projeta como um grande lençol para cima. Sinto um forte puxão e uma sacudida. Freei a queda. Devo descer na caixa d'água, caso contrário cairei sobre os cabos de alta tensão ou nos pinheiros, cujas pontas me esperam como agulhas afiadas. Manobro, puxando as cordas. Felizmente, o vento me ajuda. (*)

Caio sobre a caixa d'água, rolando até a borda. O pára-quedas me envolve. Desembaraço-me dele e fico vendo como cai desordenadamente. Estou novamente em pé. Muito lentamente, começo a descer a escada em espiral. Chego ao terraço, descendo em seguida ao primeiro andar. Continuo descendo até chegar à sala. Faço-o sem pressa. Estou no andar térreo da casa. Vou até a porta, abro-a e saio.

VI. OS DISFARCES

Estou sem roupas em um campo de nudistas. Sinto-me observado cuidadosamente por pessoas de diferentes sexos e idades. Alguém me diz que as pessoas me observam porque notaram que tenho problemas. Recomenda que cubra meu corpo. Então, coloco um chapéu e sapatos. Imediatamente, os nudistas se desinteressam de mim. Termino de me vestir e saio do campo... Devo chegar rapidamente a uma festa. Entro em uma casa e, na recepção, um empregado me diz que, para entrar no salão, devo me vestir adequadamente, pois se trata de uma festa à fantasia. Indica-me ao lado e ali vejo um armário repleto de roupas e máscaras insólitas. Começo a escolher sem pressa. Diante de um conjunto de espelhos que fazem um ângulo entre si, vou experimentando fantasias e máscaras. Posso ver-me de diferentes ângulos. Provo o modelo e a máscara que ficam piores em mim. (*)

Agora, acabo de encontrar o melhor dos conjuntos e a melhor das máscaras. Observo-me de todos os ângulos. Qualquer detalhe imperfeito é modificado de imediato, até que tudo encaixe maravilhosamente bem. (*)

Entro radiante no grande salão onde se realiza a festa. Há muita gente, todos fantasiados.

Faz-se um silêncio e todos aplaudem a perfeição do modelo que visto. Fazem-me subir ao palco e me pedem que dance e cante. E eu o faço. (*)

Agora, o público solicita que tire a máscara e que repita a apresentação. Ao dispor-me a fazê-lo, noto que estou com aquele conjunto desagradável que provei em primeiro lugar. Para piorar, estou com o rosto descoberto. Sinto-me ridículo e monstruoso. No entanto, canto e danço diante do público, recebendo vaias e assobios de reprovação. (*)

Um imprudente mosqueteiro sobe ao palco e me empurra, ultrajando-me. Então, começo a me transformar em animal, diante de seu espanto. Continuo me transformando, mas sempre conservando meu próprio rosto: primeiro sou um cachorro; depois, um pássaro; por último, um grande sapo. (*)

Aproxima-se de mim uma torre de xadrez e me diz: "Deveria envergonhar-se... assustar as crianças dessa maneira!" Então, volto ao meu estado normal, vestido com a roupa de todos os dias. Estou agora me reduzindo lentamente. Já tenho a estatura de uma criança pequena. Desço do palco e vejo os fantasiados, enormes, que me contemplam de cima. Continuo a encolher. (*)

Uma mulher grita histericamente, dizendo que sou um inseto. Tenta me esmagar com o pé, mas me reduz microscopicamente. (*)

Rapidamente, recupero a estatura de criança. Depois, minha aparência normal. Em seguida, continuo crescendo diante dos presentes, que correm em todas as direções. Minha cabeça toca o teto. Observo tudo de cima. (*)

Reconheço a mulher que quis me esmagar. Pego-a com uma das mãos e a coloco sobre o palco, enquanto ela grita histericamente. Voltando à minha estatura normal, disponho-me a sair da festa. Ao chegar à recepção, vejo um espelho que deforma completamente meu aspecto. Então, fricciono sua superfície, até que ele me devolve a linda imagem que sempre quis ter. (*)

Saúdo o jovem que encontrei na entrada e saio da casa tranquilamente.

VII. AS NUVENS

Em plena escuridão, escuto uma voz que diz: "Então, não havia o existente, nem o não-existente; não havia ar, nem céu e as trevas estavam sobre a face do abismo. Não havia seres humanos, nem um só animal, pássaro, peixe, caranguejo, madeira, pedra, caverna, barranco, erva, selva. Não havia galáxias nem átomos... tampouco havia ali supermercados. Então, nasceste tu e teve início o som, e a luz, e o calor, e o frio, e o áspero, e o suave." A voz silencia e noto que me encontro subindo uma escada rolante dentro de um grande supermercado. Passo por vários andares e agora vejo que o teto do edifício se abre e a escada continua me transportando, lenta e confortavelmente, em direção a um céu luminoso. Vejo o edifício lá embaixo, muito pequeno. A atmosfera é profundamente azul. Com agrado, sinto como a brisa ondula minhas roupas, então aspiro o ar com serenidade. Ao atravessar um estrato de suave vapor, encontro um mar de nuvens muito brancas. A escada se curva delicadamente, tornando-se plana, de modo que me permite caminhar sobre ela, como em uma calçada. Movimento-me para frente e percebo que estou caminhando sobre um chão de nuvens. Meus passos são muito harmoniosos. Posso pular grandes distâncias, já que a gravidade é fraca. Aproveito para fazer piruetas, caindo sobre minhas costas e rebatendo para cima novamente, como se uma grande cama elástica me impelisse de volta. Os movimentos são lentos e minha liberdade de ação é total. (*)

Escuto a voz de uma velha amiga que me cumprimenta. Depois, vejo-a aproximar-se em uma maravilhosa corrida. Ao chocar-se comigo num abraço, rodamos e rebatemos muitas vezes, fazendo todo tipo de cena, rindo e cantando. (*)

Finalmente sentamos e, então, ela tira de suas roupas uma vara de pesca retrátil que vai crescendo. Prepara os apetrechos, mas, em vez de anzol, coloca um ímã em forma de ferradura. Em seguida, começa a manobrar a carretilha e o ímã vai atravessando o chão de nuvens... Depois de algum tempo, a vara começa a vibrar e ela grita: "Temos uma boa pesca!" Imediatamente, começa a recolher a linha, até que uma grande bandeja vai emergindo presa ao ímã. Nela, há todo tipo de comida e bebida. O conjunto está cuidadosamente decorado. Minha amiga deposita a bandeja e nos dispomos para o grande banquete. Tudo que experimento é delicioso. O mais surpreendente é que as delícias não diminuem. Em todo caso, aparecem umas em substituição a outras, a um simples desejo, então começo a escolher aquelas que sempre quis comer e as consumo com grande satisfação. (*)

Já satisfeitos, deitamo-nos de costas no suave colchão de nuvens, conseguindo uma formidável sensação de bem-estar. (*)

Sinto meu corpo todo algodado, morno, completamente frouxo, enquanto suaves pensamentos percorrem minha mente. (*)

Comprovo que não sinto pressa, nem inquietude, nem desejo algum, como se tivesse todo o tempo do mundo para mim. (*)

Nesse estado de plenitude e bem-estar, trato de pensar nos problemas que tinha na vida diária e percebo que posso tratá-los sem tensão desnecessária, de maneira que as soluções aparecem desapaixonadas e claras. (*)

Depois de algum tempo, escuto minha amiga dizer: "Temos que voltar." Levanto-me e, dando uns passos, sinto que estou na escada rolante. Suavemente, esta se inclina para baixo, atravessando o chão de nuvens. Sinto um leve vapor, enquanto começo a descida para a terra. Estou me aproximando do edifício, por cuja parte superior entra a escada rolante. Estou descendo pelos diferentes andares do supermercado. Vejo por toda parte pessoas que, preocupadamente, escolhem suas compras. Fecho os olhos e escuto uma voz que diz: "Então, não havia nem temor, nem inquietude, nem desejo, porque o tempo não existia." (*)

VIII. AVANÇOS E RETROCESSOS

Estou em uma sala bem iluminada, caminho alguns passos e abro uma porta. Avanço lentamente por um corredor. Entro por outra porta à direita e encontro um novo corredor. Avanço. Uma porta à esquerda. Entro e avanço. Nova porta à esquerda. Entro e avanço. Nova porta à esquerda. Entro e avanço. Retrocedo lentamente pelo mesmo caminho, até voltar à sala inicial. (*)

À direita da sala, há uma grande janela que dá para um jardim. Abro o vidro. Saio. No chão, está montado um aparato que estica um arame de aço e o suspende a pouca distância do solo. Segue linhas caprichosas. Subo no arame procurando me equilibrar. Primeiro dou um passo. Depois, outro. Desloco-me seguindo curvas e linhas retas. Faço isso sem dificuldade. Agora, de costas, faço o caminho inverso, até chegar ao ponto inicial. (*)

Desço do arame. Volto à sala. Vejo um espelho do meu tamanho. Caminho para ele lentamente, enquanto observo que minha imagem vem, logicamente, em minha direção. Continuo, até tocar o vidro. Depois, retrocedo de costas, olhando como minha imagem se afasta. Aproximo-me novamente até tocar o vidro, mas descubro que minha imagem se afasta e acaba desaparecendo. Vejo agora que minha imagem vem caminhando de costas. Detém-se antes de chegar ao vidro, gira sobre os calcanhares e avança em minha direção.

Saio para um pátio de grandes lajotas. Em um lugar central, há uma poltrona localizada exatamente em cima de uma lajota preta. Todas as outras são brancas. Explicam-me que o assento tem a virtude de deslocar-se sempre em linha reta e em todas as direções, mas sem mudar de frente. Sento-me e digo: "Três lajotas para frente." Então, a poltrona vai para onde foi indicado. Quatro à direita. Duas para trás. Duas à esquerda. Uma para trás. Duas à esquerda, terminando na lajota preta. Agora: três para trás. Uma à direita. Uma para trás. Quatro à direita. Quatro para frente. Cinco à esquerda, chegando ao destino. Por último, três à esquerda. Duas para trás. Uma para frente. Duas à direita. Três para trás. Uma à direita. Quatro para frente, terminando na lajota indicada.

Levanto-me e saio da casa. Estou parado no meio de uma grande estrada. Não passa nenhum veículo. Vejo aproximar-se em minha direção uma pessoa de quem gosto muito. Chega tão perto que quase me toca. (*)

Agora retrocede, afastando-se cada vez mais, até desaparecer. (*)

Vejo que se aproxima uma pessoa que me desperta profundo desagrado. Chega muito perto de mim. (*)

Agora retrocede, afastando-se cada vez mais, até desaparecer. (*)

Estou sentado aqui. Recordo uma cena extremamente difícil para mim, na qual estou diante de outras pessoas. Vou me distanciando dessas pessoas. (*)

Recordo uma cena da qual participo com muito gosto. Vou me distanciando da situação. (*)

IX. O MINEIRO

Há pessoas ao meu redor. Todos estamos vestidos de mineiros. Esperamos que suba o elevador de carga. É muito cedo. Um chuvisco suave cai do céu cinzento. Avisto ao longe a silhueta negra da fábrica, que resplandece com seus altos fornos. As chaminés vomitam fogo. A fumaça se eleva em densas colunas. Distingo, entre o ritmo lento e distante das máquinas, uma aguda sirene que marca a mudança de turno do pessoal. Vejo subir lentamente o elevador que, com uma forte vibração, pára a meus pés. Avançamos até subir na plataforma metálica. Fecha-se uma grade corrediça e começamos a descer lentamente, entre o murmúrio dos comentários. A luz do elevador me permite ver a parede rochosa que passa muito perto. À medida que descemos, aumenta a temperatura e o ar se torna viciado.

Paramos frente a uma galeria. Sai a maioria dos ocupantes do elevador. Fecha-se novamente a grade. Ficamos quatro ou cinco mineiros. Continuamos descendo até parar em outra galeria. Desce o restante dos ocupantes. Fico sozinho e recomeço a descida. Finalmente, a plataforma pára com um estrondo. Empurro a grade e avanço, entrando em uma galeria de escavação pouco iluminada. Ouço o barulho do elevador regressando.

Adiante, sobre alguns trilhos, há um pequeno veículo. Subo nele e ligo o motor, deslocando-me em seguida lentamente pelo túnel. Paro o carro no fim dos trilhos. Desço e começo a descarregar as ferramentas. Acendo a lanterna de meu capacete. Escuto ecos longínquos como de britadeiras e martelos hidráulicos... mas também percebo uma fraca voz humana que chama sufocadamente. Sei o que isso significa! Largo as ferramentas e cruzo umas cordas em meu ombro. Pego uma picareta e avanço resolutamente pelo túnel, que vai se estreitando. A luz elétrica ficou para trás. Guio-me apenas pela luz do capacete. De vez em quando, paro para escutar a direção do lamento. Chego encolhido ao fundo do túnel. Adiante, na escavação feita recentemente, termina a galeria. O material disperso me indica que o teto desmoronou. Por entre rochas e vigas de madeira quebradas, a água mina. O chão está convertido em lodaçal, no qual afundam minhas botas. Removo várias pedras com a ajuda da picareta. De repente, descubro um buraco horizontal. Enquanto calculo como deslizar por ele, percebo nitidamente os gemidos, seguramente o mineiro preso está a poucos metros de distância. Introduzo a picareta entre as rochas e amarro em seu cabo uma ponta da corda, passando a outra extremidade ao redor de minha cintura. Ajusto a corda com uma fivela metálica. Entro na cavidade com dificuldade. Arrastando-me sobre os cotovelos, avanço em uma descida pronunciada. Vejo, graças à luz da lanterna, que o túnel se estreita até ficar fechado. O calor úmido é sufocante; a respiração, difícil. (*)

A partir de meus pés, escorre um lodo espesso. Lentamente vai cobrindo minhas pernas e desliza pegajosamente sob meu peito. Compreendo que o estreito túnel ficará coberto de lodo em pouco tempo. Faço pressão para cima, mas minhas costas esbarram na rocha. Tento retroceder... já não é possível. A voz lamuriosa está bem perto. (*)

Grito com todas as minhas forças e o chão cede, arrastando-me na queda... Um forte puxão na cintura coincide com uma parada brusca em minha queda. Fico suspenso pela corda, como um absurdo pêndulo de barro. Minha queda foi detida bem perto de um chão atapetado. Vejo agora um ambiente fortemente iluminado, uma sala elegante, onde há uma espécie de laboratório e uma enorme biblioteca. Mas a urgência da situação faz com que eu trate de sair dela. Com a mão esquerda, seguro a corda esticada e com a outra, solto a fivela que a prende à minha cintura. Em seguida, caio suavemente sobre o tapete.

"Que modos, amigo, que modos!" – diz uma voz melódica. Giro sobre meus calcanhares e fico paralisado. Tenho à minha frente um homenzinho de uns sessenta centímetros de altura, talvez. Com exceção das orelhas, ligeiramente pontiagudas, poderia se dizer que ele é bem proporcionado. Está vestido com cores alegres, mas com um inconfundível estilo de mineiro. Sinto-me meio ridículo e desolado quando me oferece um coquetel. De qualquer maneira, reconforto-me, bebendo sem pestanejar.

O homenzinho junta suas mãos e as leva diante da boca em forma de corneta. Em seguida, emite o gemido que simula um pedido de socorro, esse gemido que eu bem lembro. Então, cresce em

mim uma enorme indignação. Pergunto-lhe o que significa essa brincadeira e ele me responde que, graças a ela, minha digestão deverá melhorar no futuro. O personagem continua explicando que a corda que apertou minha cintura e abdômen na queda fez um bom trabalho, assim como o rastejar no túnel estreito com os cotovelos. Para terminar seus estranhos comentários, pergunta-me se tem algum significado para mim a frase: "Você se encontra nas entranhas da terra." Respondo-lhe que essa é uma forma figurada de dizer as coisas, mas ele replica que, nesse caso, trata-se de uma grande verdade. Então, acrescenta: "Você está em suas próprias entranhas. Quando algo anda mal nas vísceras, as pessoas pensam coisas desorientadas. Por sua vez, os pensamentos negativos prejudicam as vísceras. Por isso, de agora em diante, você cuidará desse assunto. Se não o fizer, começarei a caminhar e você sentirá fortes cócegas e todo tipo de mal-estar interno... Tenho alguns colegas que se ocupam de outras partes, como os pulmões, o coração, etc." Dito isso, o homenzinho começa a caminhar pelas paredes e teto, enquanto eu registro tensões na zona abdominal, no fígado e nos rins. (*)

Em seguida, lança sobre mim um jorro d'água com uma mangueira de ouro, limpando-me do barro cuidadosamente. Seco em um instante. Deito em um amplo sofá e começo a relaxar. O homenzinho passa uma pequena escova ritmicamente sobre meu abdômen e cintura, produzindo um notável relaxamento dessas zonas. Constato que, ao se aliviarem os mal-estares do fígado, estômago ou rins, mudam minhas ideias e sentimentos. (*)

Percebo uma vibração, ao mesmo tempo em que me elevo suavemente. Estou no elevador, subindo rumo à superfície da terra.

NOTAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS GUIADAS

O esquema construtivo das experiências guiadas é o seguinte: 1. entrada e ambientação; 2. aumento da tensão; 3. representação de núcleos psicológicos problemáticos; 4. desenlace (ou opções de solução para os núcleos-problema); 5. diminuição da tensão e 6. saída não abrupta, geralmente voltando pelas etapas anteriores. Este último permite obter uma espécie de síntese de toda a Experiência.

Os asteriscos (*) marcam intervalos oportunos para elaborar as próprias imagens.

NARRAÇÕES

I. A criança

O quadro pelo qual se entra no parque de diversões é inspirado na primeira carta do *Taroquis*. Trata-se da imagem de um jogador, que sempre foi associada à inversão da realidade, o ocultamento e o truque. É parente do mágico e abre uma fresta de irracionalidade que permite entrar nessa dimensão de maravilha, propícia para a recordação infantil.

II. O inimigo

A "paralisia" que domina boa parte do relato permite recriar situações nas quais muitas emoções perdem carga pelo fato de desacelerar a dinâmica da imagem. É assim que se pode gerar um clima de reconciliação, acrescentando que quem "perdoa" se encontra em situação de superioridade com relação àquele que em outro momento tomava a iniciativa, ou seja, do que era "ofensor".

III. O grande erro

A cena dos bombeiros como agentes e executores da justiça está inspirada em *Fahrenheit 451* de Bradbury. Neste caso, a imagem está tratada como contraste com a pena de morte por sede no deserto. A mesma ideia permite desenvolver o absurdo do julgamento no qual o acusado, em vez de desencarregar-se de sua suposta culpa, "carrega" sua boca com um gole d'água. Quando o Secretário conclui dizendo: "Tenho dito o que tenho dito!", não faz nada mais que seguir as palavras de Pilatos, lembrando aquele outro julgamento surrealista.

Os Anciãos, que personificam as horas, estão inspirados no *Apocalipse* de Lawrence.

O tema das lentes inversoras é muito conhecido em psicologia experimental e foi citado, entre outros, por Merleau-Ponty em *A Estrutura do Comportamento*.

V. O par ideal

A imagem do gigante está inspirada em *Gargantua e Pantagruel* de Rabelais. O canto relembra as festas do país basco e as canções com as quais passeavam "gigantes e cabeçudos".

A imagem holográfica lembra as projeções de *O Fim da Infância* de Clarke.

Toda a questão da busca e a alusão ao "não olhes para trás" se apoiam na história de Orfeu e Eurídice no Hades.

VI. O ressentimento

O argumento está tratado dentro de um contexto clássico, mesmo que as cenas da cidade lembrem Veneza ou talvez Amsterdã.

A declamação do primeiro coro é uma modificação do *Hino a Tanatos*, que diz assim: "Escuta-me, ó Tanatos, cujo ilimitado império alcança onde quer que estejam todos os seres mortais! De ti

depende o prazo concedido a nossa idade, que tua ausência prolonga e tua presença ultima. Teu sono perene aniquila as multidões vivas e delas a alma gravita por atração para o corpo que todos possuem, qualquer que seja sua idade e seu sexo, já que ninguém escapa de teu poderoso impulso destrutivo."

A declamação do segundo coro está baseada no *Hino a Mnemosina*, que diz assim: "Tu tens o poder de despertar o letárgico, unindo o coração à cabeça, livrando a mente do vazio, dando-lhe vigor e estímulo, afastando as trevas do olhar interior e do esquecimento."

Quanto ao diálogo com o espectro, ao final este diz: "Adeus de uma vez! O vagalume já anuncia a proximidade do amanhecer e começa a empalidecer seu indeciso fulgor. Adeus, adeus, adeus! Lembre-se de mim!" É textual do ato I, cena V de *Hamlet* de Shakespeare e se refere à sombra do pai que revela ao príncipe quem foram seus assassinos que lhe deram veneno.

A barca, que também é uma carruagem fúnebre, recorda a raiz do "carnaval" (*carrus navalis*). Essas carruagens negras, às vezes decoradas com grandes ostras ou conchas levando o féretro em seu interior e frequentemente cobertas de flores, relembram a viagem aquática. Os jogos com flores e águas das Lupercais romanas têm o mesmo antecedente. Aqui se trata de disfarces e conversões em que, ao final do relato, o sombrio Caronte que regressa da ilha dos mortos se converte no jovem piloto de uma lancha esportiva.

Esse conto é de um complexo jogo de imagens, no qual cada elemento admite um estudo particular: seja o mar imóvel, a barca suspensa sobre a água, o manto que queima, os coros, os ciprestes (que ambientam as ilhas gregas e os cemitérios), etc.

VII. A protetora da vida

Está inspirada na carta 21 do Tarô. Nas cartas *Taroquis*, aparece a imagem mais próxima desta experiência, não na primeira recompilação de Court de Gibelin ou do *Tarô dos Boêmios* ou, por último, no pseudo tarô egípcio. Sobre o *Anima Mundi* (chamado de "o mundo" no tarô), há uma gravura muito ilustrativa no livro de Fludd, *Utriusque Cosmi Maioris*, publicado em 1617. Jung também se refere a esse personagem em seu livro *Transformações e símbolos da libido*. Por sua vez, as religiões não deixam de levar em conta essas virgens das grutas. Nesse sentido, a protetora da vida é uma virgem das grutas com elementos do paganismo grego, tais como a coroa de flores e o filhote de cervo que lambe sua mão, recordando Artemisa ou sua congênere romana, Diana. Não seria difícil trocar sua coroa de flores por uma de estrelas ou assentar seus pés sobre uma meia-lua para estar diante de uma virgem das grutas, mas então patrimônio das novas religiões que destronaram o paganismo.

A ambientação do argumento é tropical e isso contribui para ressaltar a estranheza da situação. A qualidade da água que o protagonista bebe faz referência ao elixir da juventude. Todos esses elementos, combinados, servem ao mesmo objetivo de enaltecer a reconciliação com o próprio corpo.

VIII. A ação salvadora

A estranheza geral do argumento é conseguida destacando-se a indefinição do tempo ("não estou certo se está amanhecendo ou anoitecendo"); confrontando espaços ("vejo que o gigante separa nitidamente dois espaços, aquele de onde venho, pedregoso e mortiço e o outro, cheio de vegetação e vida"); eliminando a possibilidade de conexão com outras pessoas ou induzindo a uma babélica confusão de línguas ("Pergunto a meu companheiro o que está acontecendo. Olha-me furtivamente e responde em uma língua estranha: 'rex voluntas'"). Por último, deixando o protagonista à mercê de forças incontroláveis (calor, terremotos, estranhos fenômenos astronômicos, água contaminada, clima de guerra, gigante armado, etc.). Graças aos recursos mencionados, o sujeito saindo desse tempo-espaço caótico pode refletir sobre aspectos menos catastróficos de sua vida e fazer propostas de certa solidez para o futuro.

As quatro nuvens ameaçadoras têm por referência o *Apocalipse* de João de Patmos (6,2 a 6,9): "E olhei e eis aqui um cavalo branco; e aquele que o montava tinha um arco; e lhe foi dada uma

coroa e saiu vencendo e para vencer. Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente que dizia: vem e olha. E saiu outro cavalo, vermelho, e àquele que o montava foi dado o poder de tirar da terra a paz, e que se matassem uns aos outros; e lhe foi dada uma grande espada. Quando se abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente que dizia: vem e olha. E olhei e eis aqui um cavalo negro; e aquele que o montava tinha uma balança na mão... Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente que dizia: vem e olha. Olhei e eis aqui um cavalo amarelo e aquele que o montava tinha por nome Morte e o Hades o seguia."

IX. As falsas esperanças

A experiência começa com elementos de *A Divina Comédia*, de Dante. Assim, no umbral da famosa porta, Dante e Virgílio, lêem:

"Per me si va ne la città dolente,
per me si va ne n'eleterno dolore,
per me si va tra la perduta gente.

Giustizia mosse il mio alto fattore
Fecemi la divina potestate,
La somma sapienza e'l primo amore.

Dinanzi a me non fur cose create
Se non eterne, e io eterna duro.
Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate."

XI. A viagem

O veloz deslocamento da bolha lembra essa viagem esplendidamente narrada por Stapledon em *O Fazedor de Estrelas*. A descrição do efeito Doppler, na mudança de coloração das estrelas por ação da velocidade, é dissimulada na Experiência Guiada com estas frases: "Sinto que aumenta a velocidade. As límpidas estrelas vão mudando de cor até desaparecer na escuridão total."

Eis aqui uma curiosa consideração: "Como impulsionados por um grande elástico, partimos em linha reta. Creio que vamos em direção a Beta Hydrys ou talvez para NGC 3621 (?)." Por que se indicam essas direções cósmicas? Se no momento da descrição o sol está se pondo ("Em direção ao abismo, é noite; na direção da planície, os últimos raios de sol fogem em tonalidades múltiplas"), bastará saber o horário local do acontecimento. Tendo por antecedente que essa obra foi escrita em meados de 1988 (ou seja, com dia central em 30 de junho) e que o lugar onde se redigiu essa Experiência está localizado a 69 graus de longitude oeste e 33 graus de latitude sul, a hora local correspondeu às 19 (atrasada quatro horas com relação à GMT). Nesse momento, o ponto de elevação de 90 graus (ou seja, aquele que estava em cima da bolha e para a qual esta se dirigia em linha reta) nos mostrava um céu que entre a constelação austral de Crux e a de Corvus, próxima a Antliae, bem pode definir vários objetos celestes. Dentre eles, os mais destacados são justamente Beta Hydrys e NGC 3621. Com todas as estranhezas apresentadas pelas *Experiências Guiadas*, essa licença astronômica não está fora de lugar.

Em relação ao corpo em movimento, diz-se: "Continuo avançando até chegar a um espaço em cujo centro vejo um grande objeto móvel, impossível de captar com o olhar, porque ao seguir uma direção qualquer em sua superfície, esta termina envolvida no interior do próprio objeto. Sinto tontura e desvio o olhar." Sem dúvida, a descrição lembra algumas construções topográficas da moderna geometria e que se plasmaram em objetos "envolventes". Colocando em movimento esse tipo de corpo, produz-se um efeito desconcertante. Recordemos a gravação em madeira (impressa em quatro lâminas), da fita de Moebius de Escher, para nos aproximar à ideia central: esse trabalho, ainda que estático, deixa a sensação de superfície paradoxal e de percepção paradoxal. Hofstadter, em seu *Gödel, Escher, Bach*, explica: "No conceito de bucles estranhos está implícito o de infinito, pois que outra coisa é um bucle, senão uma maneira de representar de maneira finita um processo interminável? E o infinito representa um amplo papel nos desenhos de Escher. Neles, podem-se ver cópias de um tema determinado que se acoplam umas às outras,

constituindo assim os análogos visuais dos cânones de Bach." De acordo com isso, o objeto da Experiência Guiada seria um "bucle em movimento".

JOGOS DE IMAGENS.

VI. Os disfarces

São numerosos os elementos que recordam *Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho*, de Carroll. Recordemos as expansões e contrações desta passagem: "Está bem, comerei – disse Alice. Se me fizer maior, poderei alcançar a chave; se me fizer menor, poderei passar por baixo da porta. De um modo ou de outro, entrarei no jardim, aconteça o que acontecer!... Comeu um pedacinho e se perguntou ansiosamente: em que sentido?, colocando a mão sobre a cabeça para perceber se crescia ou encolhia." E neste outro fragmento, os transformismos de espaço: "Suponhamos que o cristal tornou-se tão fino como gaze, de maneira que possamos passar através dele. Nossa! Agora está se transformando em uma espécie de névoa! Será bem fácil atravessá-lo..." Também em *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, encontramos as modificações das imagens no espelho mágico, como acontece em quase toda a mitologia universal. Quanto à transformação do ser humano em animal, uma linha sem interrupção conecta as mais antigas tradições com a *Metamorfose*, de Kafka. De maneira que esses temas são amplamente conhecidos e aproveitados na construção da Experiência.

VII. As nuvens

Esse trabalho tem o mesmo nome da comédia que Aristófanes representou em 424 a.C. Em toda a Experiência, há um transfundo alegre e burlesco, em homenagem à intenção da obra grega. A voz que se escuta no começo sintetiza em uma única explicação as "Gêneses" de três obras importantes. Assim, o *Cântico da Criação* de Rigveda nos diz: "Então, não havia o existente nem o não existente; não havia reino do ar, nem do céu, mais além dele." E "...as trevas estavam sobre a face do abismo" é textual do livro primeiro de Moisés (Gêneses 1,2). E quando se refere a "não havia seres humanos, nem um só animal, pássaro, peixe, caranguejo, madeira, pedra, caverna, barranco, erva, selva", corresponde ao *Popol-Vuh* (livro do Conselho dos Índios Quichés, segundo o manuscrito de Chichicastenango). Aquela segundo a qual "não havia galáxias, nem átomos" remete-nos à época do jornalismo atual, comentando a teoria do Big Bang. E por último: "...tampouco havia ali supermercados" refere-se à explicação dada por uma menina de quatro anos. A anedota é esta:

– Diga-me, Nancy, como era tudo antes de começar o mundo?

– Não havia papai nem mamãe – respondeu a menina – tampouco havia ali supermercados.

IX. O mineiro

O homenzinho da mina é um gnomo, personagem das profundezas muito difundido em lendas e contos europeus. Conforme está tratado nesta Experiência, o gnomo é uma alegoria dos impulsos cenestésicos viscerais traduzidos em imagem visual.